

terrarium  
um romance em mosaicos  
joão barreiros e luís filipe silva



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

## Prefácio

### OBRA-PRIMA SUBESTIMADA

por Gerson Lodi-Ribeiro

Talvez o romance que você ora tem em mãos nesta segunda edição — reescrita e atualizada em relação à original, publicada pela Editorial Caminho em 1996 — não seja uma obra-prima se comparado aos melhores romances e trilógias da ficção científica anglo-saxã. A questão é discutível e, no fundo, trata-se de questão de opinião. Destarte, os críticos de plantão e suas críticas pretensamente inteligentes que me perdoem, mas opinião cada leitor tem a sua. Na minha, se fosse bem traduzido para o inglês, impresso em papel alcalino e encadernado em couro, o romance escrito a quatro mãos por João Barreiros e Luís Filipe Silva não faria feio na prestigiosa coleção *Masterpieces of Science Fiction*, editada pela Easton Press.

Isto posto, o que se dizer de uma comparação deste *Terrarium Redux* com outros romances de ficção científica escritos por autores portugueses e brasileiros? Bem, não creio que uma comparação desse tipo faça sentido. Aqui entre nós, para ser sincero, considero-a até covardia.

Explico: quer pela qualidade, quer pelo escopo ou pelo mero tamanho físico, à época em que foi escrito *Terrarium* estava anos-luz à frente de qualquer outro romance de literatura fantástica lusófona. Lógico que esta última afirmação não chega a constituir grande surpresa, pois até o fim do milênio passado, os autores portugueses e brasileiros de ficção científica, horror e fantasia se destacavam principalmente como contistas e não como romancistas, daí a eclosão naqueles tempos hoje remotos das antologias e, sobretudo, das coletâneas de ficção curta, em detrimento dos romances. No entanto, o mais surpreendente é que, passadas duas décadas, *Terrarium* (agora reencarnado nesta edição *Redux*) manteve o status ímpar de obra impactante, original, instigante e atual. Logrou conservar as características e qualidades que lhe facultavam uma comparação favorável quando ombreado com os clássicos da literatura de ficção científica anglo-saxã.

Duas décadas se passaram e em plena segunda metade da segunda década do terceiro milênio, é seguro afirmar que, no mundo infelizmente ainda pouco populoso da ficção científica lusófona, *Terrarium* não dispõe de competidores à altura. É indiscutivelmente o melhor romance de ficção científica jamais escrito em língua portuguesa. Pensando em termos de gêneros — atitude que reputo gratuita na maioria das vezes, mas que, em termos mercadológicos, eventualmente revela-se profícua — considero *Terrarium* o melhor romance luso-brasileiro do supergênero que engloba tanto a ficção científica quanto o horror e a fantasia.

A primeira observação a respeito de *Terrarium* que saltará aos olhos do leitor já constava do subtítulo de sua primeira edição: «Um romance em mosaicos».

O que isto quer dizer?

*Terrarium* é um romance que foge da estrutura narrativa convencional, constituindo-se de uma série de novelas e noveletas interligadas — os tais mosaicos mencionados no subtítulo. É aquilo que o mercado de literatura fantástica anglo-saxã se sentiria tentado a chamar de *fix-up*, muito embora apenas uma de suas peças componentes tenha sido de fato publicada como ficção curta independente. Contudo, imagino que a maioria dessas peças possa ser lida separadamente. Os leitores brasileiros da velha guarda já conheciam uma delas à época do lançamento daquela primeira edição: «A Arder Caíram os Anjos» de João Barreiros, publicada entre nós no *Somnium* n° 61 (setembro de 1994), noveleta agraciada com o Prêmio Nova 1994 na categoria Melhor Ficção Curta Estrangeira.

Leitores que gozam do privilégio de conhecer bem o estilo dos dois autores — tanto das outras coletâneas<sup>1</sup> e, no caso de Luís Filipe Silva, romances<sup>2</sup>, publicados pela Editorial Caminho antes de 1996, quanto pelos contos publicados nas saudosas antologias da Simetria — não devem sentir maiores dificuldades em distinguir suas vozes distintas em vários trechos dos diferentes mosaicos.

Segundo relatos pessoais que me foram prestados pelos autores à época dos Primeiros Encontros de Cascais (1996), ocasião em que a primeira edição de *Terrarium* foi lançada, João Barreiros concebeu o universo ficcional e escreveu cerca de 70% a 80% daquele volume de quase seiscentas páginas. Luís Filipe Silva, responsável pelo arremate final do romance, é uma presença cada vez mais marcante em *Terrarium*, à medida que a obra se aproxima do clímax, embora tenha escrito trechos e parágrafos praticamente desde o início do trabalho.

...

---

<sup>1</sup> De João Barreiros: *O Caçador de Brinquedos e Outras Histórias*. De Luís Filipe Silva: *O Futuro à Janela* (Prêmio Caminho de Ficção Científica 1991).

<sup>2</sup> *A Cidade da Carne (GalxMente I)* e *Vinganças (GalxMente II)*.

Já no início do romance, somos informados de que os alienígenas (que os autores se referem como «exóticos») chegaram à Terra há alguns anos. Não uma mera espécie alienígena isolada, mas milhares delas.

Não se trata aqui do famoso «consórcio galáctico», clichê surrado, usado e abusado pelo gênero. Em *Terrarium*, o buraco é mais embaixo. E, como o leitor mais experiente logo constatará, o objetivo principal dos autores não é reverenciar os velhos clichês do gênero, mas sim brincar e tripudiar sobre os mesmos, subvertendo-os sem dó ou piedade em releituras iconoclastas dos estereótipos clichêzados à exaustão pela ficção científica anglo-saxã.

Essas espécies alienígenas estabeleceram relações diplomáticas mais ou menos cordiais com a humanidade e se integraram pouco a pouco ao *human way of life* terrestre e solariano de meados do século XXI. Sim, porque, um ou dois mosaicos mais tarde, começamos a perceber que essa multidão de culturas alienígenas mudou-se de fato para o Sistema Solar com armas e bagagens, literalmente. Chegaram para ficar, como últimos remanescentes de suas respectivas civilizações, pois suas espécies foram obliteradas em seus sistemas pátrios por obra e graça das «Potestades», manifestações materiais de entidades incorpóreas superpoderosas pós-singularidade e que seguiram esses autênticos párias da periferia galáctica até os recônditos de seu exílio no Sistema Solar. Na Terra, as tais Potestades se comprazem em apavorar humanos e alienígenas, ao encarnar entre nós sob a forma de avatares, semelhantes aos anjos exterminadores do panteão judaico-cristão. Situação, aliás, descrita com bastante propriedade na noveleta premiada «A Arder Caíram os Anjos».

O prazer da leitura não corre, no entanto, o mínimo risco de se estragar com os poucos fatos delineados no parágrafo acima. Pois o que foi revelado não passa de um simples preâmbulo da narrativa. Um aperitivo, por assim dizer. Até porque *Terrarium* é um romance de cenário muito complexo e descrição difícil, tanto por sua estrutura em mosaicos semi-independentes, quanto pelo fato de ter sido escrito a quatro mãos.

João Barreiros e Luís Filipe Silva, indiscutivelmente os dois melhores autores portugueses de ficção científica *hard*, lograram pintar com maestria um quadro terrível e apavorantemente verossímil de um futuro não muito distante, quando a humanidade se tornou mero brinquedo dos interesses antagônicos de espécies e castas alienígenas pertencentes a diversos níveis tróficos da cadeia de poder do ecossistema galáctico. Neste sentido, o enredo do romance é muito mais envolvente e original do que as tramas vagamente semelhantes e de concepção posterior, que sustentaram os argumentos de *Babylon 5* e *Terra: Conflito Final*.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> João Barreiros concebeu o universo ficcional de *Terrarium* em fins da década de 1980.

*Terrarium* abre com um prólogo curto, «Queda e Ascensão do Império Krill», seguido por seis partes que constituem o cerne do romance: a noveleta «A Ascensão»; o trabalho premiado «A Arder Caíram os Anjos»; a novela «Somewhere, Under the Rainbow»; as noveletas «A Agonia da Arte Reprimida» e «A Madrugada dos Deuses»; e um mosaico final que, sozinho, possui as dimensões aproximadas de um romance curto, «No Coração da Luz». O fecho de ouro é concedido por três epílogos distintos, um futuro tripartido em três alternativas dissimilares e incompatíveis, para que o leitor escolha a sua preferida, num autêntico *tour de force*.

O romance está repleto de referências deliciosas a ícones da ficção científica literária, a começar pela *Amazing Stories* da capa original, do cinema (há até mesmo uma espécie de alienígenas metamorfos que se especializaram em mimetizar astros de cinema da Hollywood do passado) e da cultura *pop* de fins do século XX. Embora descobrir todas essas referências numa primeira leitura constitua tarefa quase impossível, esse é justo o tipo de desafio que certamente trará prazer a muitos leitores.

*Terrarium* apresenta um conjunto de personagens antológicos, do humano medíocre que trabalha numa livraria londrina especializada em ficção científica (daquelas em que os dois autores adoravam passar as tardes à época da escrita original, quando de suas visitas frequentes às Ilhas Britânicas) ao adolescente raposoide, membro de um clã alienígena de carnívoros bípedes; de uma Potestade travestida de humano para travar guerra de guerrilha contra outras Potestades; à jovem artista humana, transformada em aventureira sem vocação e, mais tarde, numa entidade sobre-humana; e ao sarcástico e superinteligente furão de estimação dessa artista. Isto para não falar de um adolescente dominado pelo programa-mestre de uma espécie de Enciclopédia Galáctica; vários insetoides; simulatrices e outros alienígenas das mais diversas espécies e morfologias imagináveis.

Com sua sucessão de cenários variados e interessantes — da Lua às ruas de uma Londres poluída e decadente; do espaço profundo às selvas da Amazônia — e sua ação intermitente, mas sempre bem escrita e original, apesar do tamanho, *Terrarium* consegue prender a atenção do leitor por toda a extensão de suas seiscentas páginas.

Há muito mais a contar sobre *Terrarium* e a tentação de fazê-lo é imensa, mas cumpre resistir com estoicismo para não estragar o prazer de várias surpresas memoráveis. Ah, as surpresas da primeira leitura! Sim, porque, com suas nuances e sutilezas, o presente romance é daqueles em que a segunda leitura será decerto ainda mais prazerosa e gratificante do que a primeira. Tendo provado a iguaria e dela repetido, foi com prazer e entusiasmo que aceitei o convite para

escrever este prefácio. Porque esta nobre missão constituiu o pretexto perfeito para largar tudo o que eu estava fazendo e me deliciar com a terceira leitura do romance que o leitor ora tem em mãos. Leitura ainda mais saborosa do que as duas primeiras.

Então, voltando ao princípio, além de constituir uma obra-prima de pleno direito, o romance cuja leitura você está prestes a iniciar representa a prova cabal de que os autores luso-brasileiros da última década do milênio passado foram capazes de escrever ficção científica *hard* em pé de igualdade com o que de melhor foi produzido na época dentro do gênero nos EUA e na Grã-Bretanha.

A única nota triste deste prefácio com pretensões de resenha é que, ao longo de sua história editorial, *Terrarium* foi um romance tremendamente subestimado por todos aqueles que não o leram, embora aclamado por todos os que tiveram o privilégio de degustá-lo. Degustar, sim. Pois se os contos e romances de FC fossem comida, este romance constituiria o banquete mais lauto. Porém, como os prazeres literários e gastronômicos parecem dizer respeito a centros distintos do cérebro humano, limito-me a afirmar que *Terrarium* constitui indubitavelmente o maior, melhor e mais ambicioso romance de ficção científica *hard* jamais escrito em português.

É maravilhoso saber que a Saída de Emergência decidiu relançar o *Terrarium* nesta bela edição reescrita e atualizada que você ora tem em mãos, pois, destarte, a editora concederá a muitos novos leitores o privilégio que até então só umas sete ou oito centenas de pessoas gozaram até hoje nas duas margens do Atlântico. Se você ainda não conhece o romance, eu o invejo pelo fato de estar prestes a iniciar esta primeira leitura que, se você realmente aprecia ficção científica, aposto que não será a última. Por outro lado, se você é um daqueles raros setecentos privilegiados, já está mais do que na hora de matar as saudades, mergulhando nesta releitura.

**Gerson Lodi-Ribeiro,  
Rio de Janeiro, Brasil, janeiro de 2016.**

Gerson Lodi-Ribeiro é autor brasileiro de ficção científica *hard* e história alternativa, com destaque para os romances *Xochiquetzal: uma Princesa Asteca entre os Incas*, *A Guardiã da Memória*, *Aventuras do Vampiro de Palmares* e *Estranhos no Paraíso*. Entre as antologias que organizou encontram-se *Phantastica Brasília-*

*na, Como Era Gostosa a Minha Alienígena!, Vaporpunk* (com Luís Filipe Silva), *Dieselpunk, Solarpunk* e *Super-Heróis*. Em Portugal tem publicada as coletâneas *Outras Histórias...* e *O Vampiro da Nova Holanda* (LeYa-Caminho, 1997/98).

## Dedicatória

Aos pioneiros dos séculos passados, que nos trouxeram sonhos de outras terras e outros tempos, cálidas ou frenéticas Utopias, geradas para bem desta triste Humanidade, ainda que tal perfeição não admitisse o mínimo desvio. Que continuem a sonhar com elas, embora a felicidade obrigatória não seja a nossa praia.

Aos aventureiros dessas primeiras histórias, que abriram alas e desbravaram terrenos com patriótico entusiasmo, ainda que nem sempre coerente. Por favor, devolvam-nos o *aerocarro* e o *jet-pack*! Continuamos com saudades do Futuro!

Aos veteranos da presente era, que souberam pegar na semente e fazer dela terreno de cultivo de ideias, desafios, contestações, e promessas, nem sempre de forma fácil e isenta.

Aos tradutores e editores entusiastas da língua portuguesa, onde quer que esta se fale, que conseguiram impor um género complexo e mal-amado, mantê-lo aceso e disponível, e dá-lo a conhecer aos nossos povos ao longo de várias gerações. A bem ou a mal. Contra tudo e contra todos.

Aos colegas escritores das várias terras por onde passe a mensagem, de que a ficção científica veio para durar. Um dia, o TERRARIUM, versão redux, será lido em Tau Ceti.

À extinta Editorial Caminho e respectiva equipa, com particular distinção para o Belmiro Guimarães, que há vinte anos escolheu este livro como culminar de uma longa e difícil aposta na FC escrita em português.

À Saída de Emergência, que conseguiu o feito único de apresentar um projecto editorial dedicado à literatura de «genre», numa paisagem literária nacional que a desdenhava ou diminuía, e que volta a afirmar esta sua benevolente loucura, recuperando a presente obra do buraco negro em que caiu.

E finalmente a todos aqueles amigos que neste intervalo de décadas de chamas e cinzas, foram mantendo viva a memória do TERRARIUM, muito depois de este ter desaparecido dos escaparates, sabendo-se que os livros modernos são animais de abate e consumo rápido.

Sem descuidar os demais que aqui não foram citados, um particular agra-



decimento ao Gérson, Roberto Causo, Saint-Clair, Pedro Ferreira, Anton e Mário Coelho. Esta nova versão destina-se a todos vocês, participantes na fabulosa viagem da ficção científica.

*We shall overcome! ¡No pasarán!*

J.B. & L.F.S.

«Then there came under my gaze, about two miles below, one of the most beautiful sights I have ever seen: the soft, yet brilliant, radiance of the great Han city of Nu-Yok. Every foot of its structural members seemed to glow with a wonderful incandescence, tower piled upon tower...»

—Philip Francis Nowlan, 1928

«Tudo num romance de Ficção Científica deve ser mencionado pelo menos duas vezes (em pelo menos dois contextos diferentes).»

—Samuel R. Delany, *Triton*

TERRARIUM: Terreno isolado onde são mantidos em cativeiro animais de vida terrestre.



**Prólogo**

**QUEDA E ASCENSÃO  
DO IMPÉRIO KRILL**



## A QUEDA

“Dois homens viajam de comboio, na Escócia. Um deles volta-se para o companheiro e pergunta: “O que é que está dentro daquela caixinha no compartimento das bagagens?”

“É um MacGuffin”, replica o outro.

“E para que serve?”

“Serve para capturar leões nas terras altas escocesas”.

“Mas não existem leões nas terras altas escocesas”, protesta o primeiro.

“Ai sim? Nesse caso, não é um MacGuffin!”

*Anedota atribuída a Alfred Hitchcock*

### 1

O alarme toca, insistente, e Mr. Lux acorda, meio confuso, depois de ter estado toda a noite a sonhar com a Montanha Mágica. Os lençóis estão ensarilhados nas pernas, pegajosos e a cheirar a corpo encardido, a luz da madrugada escorre, tristonha, através das janelas que ninguém se deu ao trabalho de lavar, e o avatar tossica, para limpar a garganta, como se isso fosse necessário, como se estivesse a representar perante uma audiência de milhões o papel de um velho sujo e desleixado.

O alarme tem a forma de um relógio *passé*, daqueles onde o Rato Mickey aponta para as horas com os dedos enluvados, mas em boa verdade não se trata de um simples *despertador*, mas algo que o avisa que houve intrusão no Sector 500, que anda alguém a mexer no que não lhe pertence.

Só *chatices*, murmura Mr. Lux, a morder os lábios com os poucos dentes que lhe restam. *Esta gente até parece que nasceu para me dar cabo do juízo!*

Levanta-se num movimento ágil, que nega o estado do corpo e a idade apa-

rente, poisa os pés no chão, enfia os dedos nos chinelos, aponta para uma das paredes do quarto de dormir e ordena: *Visualizar Sector 500, identificação de alvos e essas coisas!*

A parede dissolve-se, solícita. Mr. Lux está agora a contemplar um abismo feito de ferragens, tubos de acesso esventrados, anteparas torcidas, gotas flutuantes de luciferina, óleos lubrificantes e outros fluidos para os quais não existem nomes. De vez em quando, a rodopiar nesta microgravidade sem lei nem grei, pode ver-se um esqueleto serpentóide, uma casca vazia de algo parecido com uma lagosta, milhares e milhares de cubos coloridos, parafusos, placas de identificação, tapetes, jarras, colares, jóias, frasquinhos por milagre intactos, com qualquer substância a tremeluzir no interior. Aqui não há alto nem baixo, a noção de perspectiva não existe, o Sector 500 não passa de uma caverna composta pelo conglomerado de cinco naves exóticas, que resolveram mesclar-se num amplexo cataclísmico. Naves sem dono. Coladas umas às outras, num choque titânico que ocorreu quando o Anel se formou. Hoje em dia, as espécies que as pilotavam já não existem. Extintas ou executadas pelas autoridades competentes, vá-se lá saber. A realidade neo-Darwinista do Anel não permite tanto desleixo. Quem estraga, paga. Muitas vezes com a vida. O Sector 500 deveria estar por isso abandonado, interdito ao mais comum dos mortais, os selos de acesso trancados para sempre e mais um dia, mas, para uma criatura como o Mr. Lux, não pode haver portas fechadas. Um lugar onde ninguém vai é o local ideal para se esconderem *coisas*.

De qualquer modo, foi no centro desta confusão, deste negrume que só as lentes das câmaras passivas alumiam, que o avatar resolveu esconder um dos seus cofres: Uma esfera de vinte metros de diâmetro, brilhante e polida como uma jóia, a fulgir no meio da gigantesca lixeira. O cofre está ali há mais de vinte anos, sem que ninguém o descobrisse, calmo e quedo. Preso por cabos de monofilamento às anteparas que o rodeiam, a flutuar na treva como um ninho de aranhas.

Mas esses tempos de acalmia desapareceram de uma vez por todas. Há *gente* a saltitar de anteparas em anteparas, na direcção do cofre. Minúsculos por comparação, mas elegantes como pulgas. Sem escafandro ou escudo atmosférico. O que não pressagia nada de bom.

Ainda sentado na cama, Mr. Lux franze o sobrolho, coça a barriga, range os dentes de raiva. *Só podem estar a gozar comigo*, murmura. *Então isto admite-se?*

Porque as sete figurinhas que tão alegremente se aproximam do cofre, são humanas, embora disformes. *Anões*, explica a Infopédia aos ouvidos do avatar. *Anões humanos. Bonecos animatrónicos, teleoperados. O responsável deve estar longe. Nada a fazer quanto a isso.*

Mr. Lux abana devagarinho a cabeça perante a crueldade insultuosa de um mundo onde resolveu esconder-se, para sua desgraça. Os anões invasores têm calçadas tamancas com atilhos de cobre. Colãs multicores cobrem-lhes as partes baixas, provavelmente para fazer *jolie*. Envergam uma jaqueta presa à cintura por um cinto de fivela de ouro. E, no topo das cabeças, a cobrir as orelhas de abano, *barretes*. Barretes compridos, que adejam a cada salto. Os narizes das criaturas são enormes, abatados. Narizes onde não se consegue descobrir qualquer tipo de orifício. Como se não precisassem de respirar. Como se a parca atmosfera, carregada de toxinas deste Sector 500, lhes fosse indiferente. Seis têm barbas brancas, à exceção de um que é imberbe e com o aspecto típico de um idiota da aldeia. Todos eles transportam uma lamparina, onde arde uma doce chama. Na outra mão, apoiada ao ombro, uma picareta. Os lábios destes pequenos monstros abrem-se e cerram-se em conjunto, como se estivessem a trautear. *Eu vou, eu vou trabalhar, eu vou*, informa-o a Infopédia que consegue ler lábios. *O patrão quer que eu busque mais referências?*

*Negativo*, responde Mr. Lux, levantando-se enfim, de uma cama que não lhe trouxe o devido sossego. Contas feitas, quer lá saber o que aqueles bonecos andam a cantar. Vai ter de se dirigir sem demoras ao Sector 500, para salvaguardar o que ainda puder ser salvo, mas qualquer coisa lhe diz que vai chegar demasiado tarde. O cofre encontra-se na outra extremidade do diâmetro do Anel, a cem mil cliques de distância da nave Simulatrix. Tempo útil de viagem: uma hora *standard*, tempo terrestre. E isto em passo de corrida, através dos labirintos do Anel.

Aos tropeções, veste as calças que usou na véspera, a mesma camisa, só é diferente o pequeno laçarote que lhe prende o colarinho. Desta feita o laço é vermelho com pintinhas brancas. Olha-se no espelho da casa de banho, contempla um fâcies esquelético onde sobressaem as maçãs do rosto, a barbicha branca e desarrumada, os óculos grossos que acabou de enfiar. Não que estes sirvam para ver ao perto ou ao longe, não passam de hololentes, com acesso a todos os sistemas da Inforede. Diz ao corpo para esquecer as necessidades fisiológicas, pois outros valores mais altos se alevantam. E o corpo esquece, obediente. Desapareceu a sede, a garganta seca, a vontade de urinar. Mr. Lux está aos poucos a transformar-se numa pequena máquina de guerra, capaz de suportar quase todas as maldades que lhe queiram fazer.

Como se isso lhe fosse servir de alguma coisa.

Na sala ao lado, mesmo ao centro, sob a luz coada pela clarabóia onde se derrama uma madrugada tristonha e crepuscular, Mr. Lux olha para os dois tanques cilíndricos, um deles cheio de qualquer coisa semelhante a mel líquido, sempre



a borbulhar. Os parâmetros da produção de Sacramento continuam no topo da escala, o nível de pureza do fluido é absoluto, nenhuma contaminação exterior, tudo bem, nenhum problema nesse aspecto. O avatar pergunta a si mesmo se alguma vez vai voltar aqui, se vai precisar daquilo que é o seu sangue, a sua «essência», ou se esta vai ficar para o outro, aquele que repousa no interior do segundo cilindro. Ao fim e ao cabo, tanto faz. São todos a mesma pessoa, o mesmo Mr. Lux, o mesmo avatar.

Mr. Lux dá uma palmadinha na superfície curva do segundo contentor onde repousa uma enésima cópia ainda em formação, suspira fundo (como se quisesse imitar os inefáveis comportamentos da espécie que lhe deu guarida), abandona a sala, desce a escada circular, e acede ao Museu.

Aqui, a dificuldade está na escolha. O sector das «armas impossíveis» alarga-se num labirinto convoluto de espaço comprimido. Não lhe interessam espadas cantantes, hover-tanques e mechas de assalto. Enfim, nada que seja capaz de furar o Anel de um lado ao outro e alertar a senil atenção de nós sabemos quem. Temos de ser discretos. Usar meias medidas. Permanecer invisíveis. Por isso, Mr. Lux opta por uma pequena pistola capaz de ficar escondida no bolso da gabardine. O punho da arma é feito de marfim esculpido em múltiplas espirais. O cano retorcido lembra a tromba contraída de uma mariposa. Luzinhas azuis piscam nos indicadores de carga. Ali não há gatilho, apenas um pequeno botão digito-eléctrico. Daqueles que funcionam por contacto e só obedecem às ordens de um utente particular. Mr. Lux lembra-se de Buck Rogers e do bom velho Flash. E ao pensar neles, nesses heróis de outras eras, cujas aventuras enchem centenas de metros quadrados do Museu, dá-se ao luxo de esboçar um pequeno sorriso. Tem entre os dedos um *blaster*, com carga para duzentos impulsos na potência máxima. Deve chegar para dar cabo de uma mão cheia de anões feitos de resina.

Entretanto as hololentes já chamaram um táxi para o levar aos elevadores. Este deve estar em breve parqueado junto aos portões do jardim. Em seguida, vai ter de aguentar dois quilómetros de curvatura ao longo da interminável Sunset Boulevard. Em passo de caranguejo. A respeitar as regras de trânsito. *Raios partam as Simulatrix e o nauseante rigor histórico.*

Bom, depois do *vivarium* onde bioconstructos berram por uma libertação que nunca chegará, passado o átrio, vestida a gabardine retirada do bengaleiro, aberta a porta principal do solar, ali está ele no jardim, rodeado de artefactos literários que um dia, minuciosamente, construiu para se entreter da modorra de anos e anos de tédio.

Mr. Lux lá vai seguindo por um carreiro de gravilha que contorna este jardim crepuscular. O jardim está cheio de flores sintéticas (com um tempo de acti-

vação limitado), e árvores e plantas moribundas que o avatar fez crescer à força e sem grandes resultados. Algures, na penumbra, há árvores que raspam as raízes umas contra as outras como se quisessem rejeitar o solo que as acolheu. Corolas de flores carnívoras abrem a boca e chamam por insectos que nunca virão ter com elas. E há outras que cantam, sim, trauteiam doces melodias. Mr. Lux está farto do mundo que construiu. Algum dia vai ter de limpar tudo isto e recomeçar com uma página em branco.

Mr. Lux chega junto do portão de ferro forjado, pede ao cadeado que se abra, e acede à rua onde já espera o Táxi que convocou. O veículo é amarelo e axadrezado (as Simulatrix nunca entenderam as correspondências topográficas mais correctas), ao volante está um indivíduo moreno e de cabelo encaracolado, não aquele em que estão a pensar, mas outro taxista famoso, que os pseudo-insectos reverteram em pessoa; a chapinha sinalética junto ao volante identifica-o para quem esteja interessado nestas coisas: Philip Glass.

Mr. Lux acomoda-se no assento traseiro, resmunga: *elevator, fulcrum, exit*, o taxista responde, *perfeito, patrão*, e o veículo arranca a rugir numa baforada de vapores tóxicos, os pneus estremecem sobre os buracos abertos no macadame, rumo ao primeiro desvio que lhe permita passar de um toróide a outro.

O táxi não precisa de motor de combustão, visto que funciona a macrobaterias. Não precisa de pneus. Não precisa de amortecedores. O táxi poderia ser qualquer coisa mais moderna, mas aqui tudo é simulacro, falsidade, nostalgia dos anos 50 que as Simulatrix cinéfilas tanto parecem apreciar. Mr. Lux quer lá saber, mas a verdade é que não há lugar melhor para permanecer invisível do que ali, na reconstituição de uma Sunset Boulevard que nunca chegou a existir no mundo real.

Enquanto conduz, Philip Glass trauteia qualquer coisa minimalista para competir com a música vinda da rádio onde Armstrong insiste num «It's a Wonderful World». *O mundo nunca foi maravilhoso*, pensa Mr. Lux, a puxar pela barbicha. *É sinistro e terrível. É aí que se esconde a sua verdadeira beleza.*

Entretanto, lá fora, vão ficando para trás filas e filas de moradias e solares góticos que mais não são do que simples fachadas. Mussolini fez o mesmo, para convencer Hitler da Glória de Roma. As Simulatrix apressaram-se a repetir estes delírios. Passadas as moradias, chegou a vez dos parques de estacionamento desertos, das gigantescas lojinhas de conveniência a emergir das sombras como cogumelos venenosos, encahadas no meio de uma quantidade inacreditável de *Night clubs* onde hologramas anacrónicos exibem *Girls, Girls, Girls*, a mostrar as glândulas mamárias em cíclica e erótica alegria.

Ao longo do caminho, palmeiras periclitantes inclinam-se sobre os passeios, enquanto nuvens falsas como tufos de algodão escorregam sob a curvatura do céu artificial.

*Mais depressa*, insiste Mr. Lux, sabendo que o tempo se faz escasso. Phil Glass encolhe os ombros e continua a circular na velocidade que entendeu ser a ideal, com um vago sorriso nos lábios, a cruzar-se com descapotáveis que seguem no sentido contrário, onde jovens Lolitas em biquíni lhe acenam com flautas cheias de champanhe. O avatar morde os lábios, morto por cometer um acto de extrema violência, mas contém-se.

Bem queria abrir um buraco-verme e emergir directamente no meio daquela cáfila de anões humanóides, mas não pode, não pode. Às vezes o contacto com a realidade tem a força de um impacto contra uma parede de tijolos.

De qualquer modo, está quase a chegar à Central: ou seja, àquela parte do elevador que liga a nave Simulatrix à restante estrutura do Anel.

E depois disso, longe desta obscuridade anónima onde passou em sossego tantos anos, ainda vai ter de tomar a bala periférica que o irá conduzir, tão próximo quanto possível, junto do devastado Sector 500.

*Chatices, só chatices.*

Mr. Lux toma um elevador VIP na Gare do Metropolitano da Sunset Boulevard, repleta de cartazes vivos a anunciar filmes que ninguém viu, desvia-se dos turistas humanos que insistem em pisar-lhe os calos como se ele fosse mais um figurante, franze o sobrolho perante os guardas Simulatrix que por ali adejam como moscas, ignora por completo os *scanners* que eles agitam nas mãos enluvadas de branco, e acede, enfim, à Torre que conecta a nave com o restante Anel.

E desce. Ou sobe. Aqui toda a verticalidade é ambígua. Está sozinho, quando as comportas do elevador se abrem, após múltiplos avisos em *trade* sobre a composição tóxica da atmosfera exterior. Mr. Lux não quer saber. Disse ao corpo humano que deixasse de respirar e o corpo obedeceu-lhe. A IA do elevador calou-se, após múltiplos avisos de perigo iminente. Nem sequer já lhe pergunta qual foi o último filme que viu.

A nova gare é uma esfera imensa cheia de ecos. Por todo o lado há um fervilhar de espécies não humanas a cacarejarem umas com as outras em alienês, como se não houvesse uma linguagem comum e fraterna com a qual todos se poderiam entender sem grandes esforços. Veículos ovóides deslizam na curvatura interior da esfera, uns cheios, outros vazios, num zunido de vespas eléctricas. Por vezes mergulham na gelatina das paredes com um ruído suave de deglutição e desaparecem da vista. Avídeos, raposóides, baratas Kreepo, lagar-

tos, miriápodes, aracnóides, cada uma das mil e quinhentas espécies exóticas aqui presentes corre de um lado para o outro, saltita, esvoaça, arrasta-se, repeta, como se não houvesse amanhã. Hologramas apontam possíveis direções. Solidogramas agitam braços, presas e tentáculos. Aqueles que podem sorrir, sorriem. Outros trinam. Alguns dos funcionários raspam mandíbulas a compasso.

Mr. Lux não liga. Sabe perfeitamente para onde quer ir. Conhece todos os caminhos secretos deste Anel que circunda a Terra. Com as mãos a segurar as abas da gabardine, desloca-se até uma pequena plataforma que ninguém usa, tipo prancha de salto para as piscinas que os humanos tanto parecem apreciar, dobra os joelhos e lança-se no abismo. Ou seja, para o alto. Rumo ao centro da esfera.

Libertos os pés da gravidade artificial, outras forças tomam conta do corpo do avatar. Mr. Lux ascende como um anjo senil, afasta-se de todo o bulício que inferniza a curvatura interior da Estação de Trânsito, sobe (ou mergulha) até ir poisar na nova esfera que repousa ao centro da esfera maior. Bate com o tacão da botina na superfície flácida e *ploc*, esta deixa-o penetrar sem mais demoras.

Já no interior, vozes ciciam-lhe aos ouvidos informando-o de que estas passagens são de acesso restrito, para uso exclusivo dos seguranças, técnicos de apoio vital, agentes de autoridade e inspectores alfandegários. O avatar abre a boca e mostra-lhes quem manda. As vozes calam-se, os sinais apagam-se, outros acendem-se, permitindo-lhe um acesso rápido.

Aqui, nesta micro esfera ao centro de outra esfera (apenas uma entre os milhares que permitem a passagem aos sectores mais confidenciais do Anel), podem ver-se várias balas conectoras prontas a disparar. Cada uma aponta para uma comporta diferente, todas elas de momento cerradas. Ao vê-lo, um agente de autoridade humano, vestido com o uniforme da UE, desprende-se da parede, desliga-se dos cabos de sustentação, aponta-lhe um neurodisruptor num gesto viril, ordena-lhe que se identifique, mas Mr. Lux limita-se a mostrar os dentes, ergue a mão direita onde se desprende uma gotícula de suor com a cor dourada do Sacramento, sacode-a e a gotinha descreve um doce arco até se ir colar à bochecha do guarda.

Às vezes não é necessário mais do que um simples aceno. O guarda estremece, pisca os olhos, baixa a arma, e sorri a Mr. Lux numa atitude mais que servil, exprimindo-se no *trade* regulamentar:

— Exa., como posso servi-lo?

— Bala hiperquinética para um único passageiro. Eu próprio. Acesso total. E desampara-me a loja!

O guarda encolhe os ombros e deglute em seco. Custa-lhe falar. Não consegue fazer outra coisa senão acenar com a cabeça, apontar para um dos projecteis translúcidos, e teclar sobre a superfície um qualquer código de acesso. Obediente, a bala abre-se ao meio mostrando uma cadeira ergonómica para uso exclusivo da fisiologia humana.

Mr. Lux afasta-o com um gesto seco, encolhe-se no interior da bala, dobra as pernas, assenta a nuca no encosto, acaricia o teclado virtual que lhe apareceu à frente, a bala volta a fechar-se com um ruído húmido, e eis que é chegado o momento de programar uma rota, a aceleração mais adequada ao tempo do percurso requisitado, o ETA.

Embora a superfície da bala seja à partida transparente, esta começa agora a polarizar-se numa delicada tonalidade azul para não perturbar com vertigens a quem nela viaja a tais velocidades. Uma vizinha solícita pergunta-lhe aos ouvidos, em *trade*, se o respeitável utente tem a certeza do que está a fazer, e informa-o de que uma aceleração de duzentos gês, não é nada, mesmo nada, adequada à fisiologia humana. Mais informa que quem viaja a tais velocidades, não vai poder chegar funcionalmente vivo ao seu destino. Mr. Lux, claro, não é humano. Nem de perto nem de longe. Por isso, ignora tais recomendações, diz à IA da bala para prosseguir, concorda com todas as isenções de responsabilidade pedidas pela Companhia de Transportes que construiu o sistema de Viagens Intraorbitais, assina por baixo, guarda os óculos no bolso da gabardine, poisa as mãos sobre o colo e deixa-se ficar. A IA lava daí as mãos, e começa a encher o interior do veículo com um agradável e odorífico gelóide. O corpo de Mr. Lux afunda-se no interior deste aquário que cheira a menta e às florestas da Amazónia onde escondeu a Montanha Mágica. O ecrã virtual conta os poucos segundos que faltam até ao disparo. Tempo de viagem: 45 minutos standard.

*Vão pagar-mas*, pensa Mr. Lux enquanto desliga, uma atrás da outra, as componentes mais delicadas da sua fisiologia. *Vai haver hiperviolência e extremo prejuízo, não tarda nada. Não esperem pela demora!*

O corpo de Mr. Lux rigidifica-se quase de imediato, os olhos transformam-se em duas pequenas esferas de solidez irreduzível, pela boca escancarada infiltra-se uma boa litrada do gelóide oxigenado, até que o avatar mais não é do que um boneco sólido, preso ao arcoaboço de uma cadeira elástica, no interior de uma bala azul prestes a ser disparada.

A contagem chega a zero, a IA diz *cá vamos nós* numa vizinha prazenteira, e a bala arranca, desliza pelo veio de acesso através da esfera exterior, mergulha através de um dos opérculos que logo se abriu para a receber, e por fim *acelera* no interior do túnel electromagnético, mais, mais e mais, rumo ao Sector 500, onde

um crime de roubo prossegue com todo o desprante de que algumas espécies são capazes.

Mr. Lux não dá por nada.

## 2

**S**ector 500.  
Cem graus negativos de temperatura ambiente. Treva absoluta, pois aqui não penetra um único fotão vindo do exterior. Atmosfera composta apenas por CO e uma quantidade incalculável de toxinas exóticas que ali ficaram esquecidas desde que o Anel é Anel. Pequenos cadáveres de parasitas colam-se, devido ao visco congelado dos corpos, a paredes e anteparas. Gotas solidificadas de combustível chocam umas contra as outras, num tinir cristalino, sempre que sopra uma brisa. Estalam anteparas, anunciando uma catástrofe próxima. Dobram-se vigas de sustentação, devagar, devagar.

O Sector 500 deveria permanecer assim, por mais uns quantos anos, nesta calma inquietude, neste quase silêncio e desolação.

Mas não é isso que está agora a acontecer. Algo mudou. Existe luz, existem sons e movimentos anómalos.

Neste preciso instante, sete lamparinas orbitam em torno daquele lugar onde se escondem os desejos dos nossos corações. Sete lamparinas a *óleo*, a bruxulear numa atmosfera destituída de oxigénio. A superfície do cofre reflecte parte desta doce tonalidade alaranjada. O cofre não reage. Depois de ter transmitido o alarme a quem de direito, deixou-se simplesmente ficar à espera que aconteça algo de novo. E enquanto o cofre espera, os luzeiros dançam como pirilampos, a alumiar a actividade dos sete anões humanóides. Todos estas criaturas, feitas de resina mótil, têm as tamancas aderentes à curvatura do cofre. As picaretas flutuam-lhes frente aos narizes. Os anões cantam e batem palmas, estalam as mãos enluvadas de quatro dedos umas contra as outras, como se estivessem a dançar ao som de uma orquestra invisível. Como se escutassem as canções perdidas da Adriana Caselotti. Cantam, para alegrar quem os acompanha nesta secreta aventura. São extensões de um Bonecreiro. Alguém que os controla à distância, em plena segurança, a muitos e muitos cliques dali.

Pois os alegados assaltantes formam, claro, uma tontina composta por três espécies diferentes.

Dois humanos vestidos com um fato térmico a chupar ar respirável pelo bocal do oxigenador: um macho e uma fêmea. Contra o peito, o ideograma 3D de um tal Alfred E. Newman, com um dentinho aguçado a emergir da boca desdentada, balbucia insultos silenciosos. É deles o algoritmo secreto que lhes permitiu abrir todas as comportas e passagens secretas, ter acessos aos elevadores particulares, às câmaras de máxima segurança, consultar mapas e cartas topográficas de todas as unidades que constituem o intricado labirinto do Anel. O casal Sousa pode impunemente penetrar em todo o lado, desde que seja essa a sua intenção. Penetrar em segredo, sem ser visto ou detectado por qualquer exótico, yurulan ou Inspector humano.

Mais para a direita, a espreitar por detrás de um emaranhado de cabos, esvoaçam cinco Kreepos do ninho Kirrelpolt com os escudos atmosféricos a funcionar em pleno. As patas lagosteiras tamborilam nos botões dos disruptores. Estão nervosos com tanta demora. No dorso queratinoso semelhante ao de uma joaninha, as pintinhas piscam e mudam de lugar. Sinal evidente de stress, mas ninguém quer saber disso. São guerreiros contratados e estão ali para o que der e vier.

— E se nos despachássemos? — pede a fêmea humana. — Não acham que já é altura de pararmos com as palhaçadas? Vocês querem confrontar-se com o dono disto?

*Atchim* espirra, libertando ácido pelas fossas nasais invisíveis. *Zangado* bate com a tamanca direita na superfície do cofre. *Mudo* saliva pela boca e arregala os olhos imensos numa expressão de idiotia profunda. Só o *Mestre* responde, com as mãos cruzadas sobre a pança:

— Tudo bem, afirmativo, o que tem de ser, tem muita força!

E estala os dedos.

Sete anões pegam nas respectivas picaretas. Sete extensores comunicativos erguem-nas no ar, seis bocas clamam *Zás!*, e todos eles batem na superfície do cofre em perfeita sincronia.

Como não poderia deixar de ser, as picaretas não são propriamente picaretas. Uma pancada delas perturba de um modo terminal a coerência molecular da superfície contra a qual impactaram. Perante tal assédio, o cofre estremece, grita em agonia, fendilha-se, e finalmente estala à quinta martelada. Fragmentos da casca dispersam-se pela caverna do Sector 500, acrescentando mais uns quanto destroços ao caos ambiente. Sete anões são projectados no ar, até que os pequenos propulsores que transportam às costas voltem a reuni-los num pequeno enxame. Os Kreepos encolhem-se ainda mais, no peito dos humanos Alfred Newman resmungam um impropério, mas a verdade é que o cofre se deixou abrir,

tal como o Bonecreiro lhes tinha prometido, deixando à vista, sob a luz esmaecida das candeias, o respectivo conteúdo.

Encontram uma plataforma, ainda ligada por dois ou três cabos às anteparas mais próximas, onde podem ver-se três suportes, semelhantes a um braço com uma garra no topo. As três garras seguram os seguintes objectos:

1 - Uma caixa de madeira amarelecida pelo assédio do tempo. Existem baixo-relevos esculpidos em toda a superfície da tampa, incompreensíveis a esta distância.

2 - Uma estatueta de um Falcão negro e com os olhos a luzir. Por baixo da estatueta, uma placa sinalética informa, a quem se interesse por essas coisas, que o Falcão não é mais do que um «MacGuffin».

3 - Finalmente, na terceira garra a contar da esquerda, uma revista *pulp*, AMAZING STORIES de seu nome, impressa algures nos anos vinte do século passado, protegida por um saquinho de gelatina, brilhante e lustrosa como se tivesse acabado de ser impressa. Até que enfim, algo capaz de despertar de imediato a cobiça de quem a quiser chamar sua! Na capa, a imagem de um ser humano, vestido de vermelho e dotado de um salta-cinto e de um barrete de aviador, acena parvamente à namorada que se encontra em terra firme.

Só isto e nada mais. Após tanto trabalho investido na busca deste *cache*, aquilo que encontraram parece ser coisa pouca.

Mas é quanto basta para enriquecer de um modo desmedido quem dele se aproprie.

O grupo aproxima-se do expositor que as lamparinas mal alumiam. Em primeiro lugar avançam cinco dos sete anões, pois estes nada têm a perder. Logo de seguida, esvoaça o casal de humanos, com os jactos dorsais a lançarem pequenas baforadas de vapor na atmosfera gélida. Por fim, chegam-se os cinco Kreepos, a trinar canções de vitória por mais esta pequena conquista contra a crueldade açambarcadora do universo capitalista. As patas lagosteiras sacodem as respectivas armas. Os pedúnculos visuais estremeçam de entusiasmo.

— Que raio... — resmungo Laureen, a fêmea humana.

— Que treta vem a ser esta? — conclui Jorge de Sousa, o seu companheiro.  
— Nada disto chega para pagar a educação da Clarinha...

— Meus senhores, estimados companheiros — comenta o *Mestre*, com uma das mãos já estendida na direcção da revista *pulp* —, temos perante nós artefactos preciosos, que vão render-nos um bom capital logo que forem vendidos a quem mais puder pagar. Cada um de nós vai recolher um, e investir na busca de um comprador específico. Neste caso, a dispersão é a alma do negócio... Vamos ter



de confiar na firme integridade dos restantes parceiros. Porque, quando os lucros forem divididos, cada um de vós receberá mais do que receberia se tivesse fugido apenas com um destes objectos, correcto?

Os Kreepo enrolam e desenrolam as trombas aspirantes. Os restantes anões batem palmas, a compasso. As lamparinas rodopiam em volta, cada vez mais frenéticas. O casal humano encolhe os ombros e começa a examinar os objectos de mais perto. A revista *pulp* não é mais do que aquilo que pretende ser: um *memorabilae* com mais de duzentos anos, preservada e intacta como por magia. A Sociedade da Nostalgia Anacrónica deve pagar bons euros por ela. O Bonecreiro que se encarregue dessa parte. A caixa de madeira é algo mais peculiar. Levezinha, como se nada tivesse dentro. A tampa encontra-se lacrada por uma resina vermelha. No topo da caixa, um baixo relevo mostra um templo dórico coberto de trepadeiras, a tresandar a Antiguidade Clássica. Sentada com a caixa ao colo, uma rapariga humana, pré-adolescente e de peito ao léu, contempla com atenção a tampa desta mesma caixa que está prestes a abrir. Laureen franze o sobrolho, acende o foco instalado no topo do capacete, e esforça-se por compreender aquilo que tem na frente. Porque a imagem da caixa que a rapariga segura entre as mãozinhas juvenis, tem uma imagem no topo, quase imperceptível tão pequena é, onde se vê uma rapariga a segurar uma...

— Recessão infinita... — comenta Jorge de Sousa. — Um preciosismo dispensável, acho eu... Curioso, mas... — No fundo da caixa existe uma linha de caracteres gregos, até aí oculta, que a Infopédia imediatamente traduz: «Esta prenda pertence à menina Pandora para seu uso exclusivo», como se isso explicasse fosse o que fosse. *Uma mão cheia de nada, outra de coisa nenhuma*, pensa Jorge, enquanto entrega a caixinha às pinças sequiosas dos Kreepo.

— As *baratas* que fiquem com esta treta — explica aos ouvidos de Laureen, não pela rádio mas através das vibrações transmitidas pelas duas bolhas do escafandro. — Que lhes faça muito bom proveito...

Desinteressado, o humano vira as costas à caixa que pertenceu à alegada Pandora e aproxima-se da estatueta do Falcão. A Infopédia informa-o de que a palavra «Macguffin» significa «estratégia narrativa representada na forma de um objectivo a atingir, objecto desejado, ou qualquer outro motivador de busca». *Ora vai-te lixar*, replica Jorge. E pega no Falcão negro.

— Que objecto de culto vem a ser esse, estimado camarada? — pergunta-lhe um dos Kreepo. — Que divindade representa?

Jorge de Sousa encolhe os ombros. *Os anjinhos que te respondam!* A estatueta é *maciça*. Não é feita nem de madeira nem de loiça. Então de quê? O indicador direito do escafandro estende-se na forma de um pequeno canivete. O humano

raspa na base espalmada do Falcão, até que um risco de cor dourada comece a fulgir à luz do capacete. *Ouro, só pode ser ouro... O raio da estatueta é de ouro... e os olhos são rubis... E no interior desta camada de ouro deve haver um outro metal, mais raro, mais precioso... mais...*

O casal humano acena com a cabeça, mostra o Falcão à ridícula criatura que se chama *Mestre*, e informa-o de que escolheu ficar com a estatueta, que vai tentar vendê-la na Feira dos Coleccionadores de Anacronismos, ou qualquer coisa no género... E o Extensor Comunicativo do Bonecreiro, que pertence à espécie dos zotifix, acena que sim, condescendente, pois a tontina é composta por três membros, e tem de haver entre todos um acordo de cavalheiros. Ele próprio quer ficar com a revista, os patetas dos Kreepo devem gostar mesmo de caixinhas de surpresas, e os parvos dos humanos que guardem a estatueta, se isso lhes dá prazer.

Enfim, distribuído o espólio, o *Mestre* bate as palmas para que todos, humanos, Kreepo e restantes anões, se reúnam à sua volta. Chegou a hora de serem dadas revelações um tanto ou quanto desagradáveis.

— Caros colegas — começa o *Mestre* num tom didáctico —, lamento informar-vos de que o tempo que nos sobra é escasso. Este compartimento está cheio de avisadores passivos, capazes de detectar o mais pequeno som e movimento. Mal aqui entrámos, informaram o dono que entretanto já se deve ter posto a caminho para vir ter connosco. Não se trata da polícia ou das forças de segurança do Anel. Nem sequer de um yurulan. Como já vos disse, é alguém pior, muito pior, que distribuiu por todo o Anel *caches* de Metatecnologia de Grau 2<sup>+</sup> ou mesmo 3. Milhares de Artefactos que têm sido um cabo de trabalhos para recolher. Algo que foi escondido *in illo tempore*, sem o conhecimento do Fragmento. Até agora, nenhum dos colectores teve sucesso. Houve umas quantas tentativas frustradas de recolha, podem crer. Todas elas com um final muito infeliz. Como podem imaginar, não quero que aconteça o mesmo com os meus dilectos companheiros...

Ao ouvir isto, dois dos Kreepo avançam na direcção do *Mestre* com os disruptores artilhados. Os restantes três viram-se para a passagem que leva ao exterior, envolta em trevas. Miras laser dançam sobre as anteparas, reflectem-se nas bolhas congeladas de combustível.

— Aqui estamos nós preparados para proteger os dilectos camaradas de qualquer abuso moral ou agressão física. — Clama um dos Kreepos em pose heróica. — Aqui estamos nós preparados para morrer por uma boa causa, se tal for necessário. Seremos os mártires de um Ninho que nos criou.

O *Mestre* ergue um dos quatro dedos para pedir mais um minuto de silêncio

e passa a revista para as mãos do *Rezinga*. As lamparinas flutuantes aproximam-se dele como pirilampos atraídos por feromonas intensas. Lá ao longe, estalam vigas e anteparas sujeitas a alterações da temperatura ambiente.

— Estamos feitos? É isso que queres dizer? — pergunta Jaime de Sousa, enquanto a Laureen abraça a estatueta do Falcão. — Diabos te levem, Bonecreiro. Tenho uma filha em Luna para sustentar. Uma miúda traumatizada que precisa do capital e apoio dos pais... Qual o sentido deste assalto, se é para morrermos todos aqui?

— Meu caro humano — prossegue o *Mestre*, enquanto os restantes anões acenam com as cabeças —, claro que ninguém vai morrer. Como é óbvio, pretendo dispor para uso próprio das coisas que aqui recolhi. Ainda temos tempo. Seis, sete minutos, pelas minhas contas, antes que chegue alguém cuja presença nos é estranha. Sugiro que se retirem daqui para fora, rapidamente e em força. Os camaradas Kreepo que tomem conta da caixa e o estimado e simpático casal Sousa que cuide dessa estatueta que tanto parece apreciar...

Laureen abana a cabeça:

— Como assim? Mesmo que os nossos algoritmos possam abrir e trancar portas e passagens, cinco minutos não bastam para nos escondermos. *Ele*, se é que estamos a falar de um *ele*, vai vir atrás de nós. Atrás dos Kreepo. Atrás de si, Bonecreiro. Devia ter-nos avisado com antecedência que uma coisa destas ia acontecer.

O *Mestre* suspira, farto de dialogar com a plebe. Por fim aponta com o dedo enluvado para o túnel envolto em escuridão por onde entraram.

— Antes do cofre ter sido aberto, fiquem sabendo que tomei a liberdade de armadilhar toda esta zona com centenas e centenas de microbombas de contacto que nos acompanharão sem que os cavalheiros dessem conta, e que estão agora a instalar-se por todo este Sector 500, preparadas para detonar às minhas ordens. Podem ficar descansados que o utente espoliado vai ter muito com que se ocupar nos próximos minutos. Eu fico cá para o receber. Vai ser divertido, vai ser uma festa, vou enfim descobrir mil mistérios. E os cavalheiros ponham-se ao fresco, por favor. Quatro minutos e a contar...

— Um sacrifício altruísta, Bonecreiro? — pergunta Jaime Sousa com um sorriso retorcido. — É disso que estamos a falar? O senhor quer atrair o responsável e depois suicidar-se com ele? Para nosso bem? Para o bem do Anel?

O *Mestre* solta uma gargalhada. Cinco anões acompanham-no num risinho de falseto.

— Ah, meu caro... eu não passo de um Extensor Comunicativo... feito de resina mótil. Na minha barriga esconde-se apenas um pequeno pólipó retira-

do do meu corpo. Corpo esse que se encontra a uma distância segura, longe do Anel. Entre este pólipó e o Oceano Primordial foi estabelecida uma comunicação sináptica. O que este boneco sabe, também eu fico a saber. E vice-versa... Mas isso agora não interessa nada. Dois minutos e meio a contar... Despachem-se!

Jaime acena que sim. Finalmente compreendeu. Os Kreepo soerguem as armas e batem em retirada, com a caixinha de Pandora presa entre as pinças. Seis anões esvoaçam com os jactos dorsais a funcionar em pleno e perdem-se no negrume ambiente.

— Meu caro e estimado Jaime... — pede o *Mestre* à guisa de despedida. — Já agora uma pequena pergunta. Não estaria interessado em vender-me esse seu algoritmo? É que me fazia grande jeito para as minhas actividades...

— Vai-te lixar, Bonecreiro! — rosna Laureen, como uma boa mãe a defender a cria. — O algoritmo pertence exclusivamente à Clarinha. Vai ser dela e só dela. Não está à venda.

O *Mestre* suspira, resignado:

— Não precisa de ser desagradável com os seus superiores, cara Laureen. Já esperava uma resposta dessas. Tudo bem. Perguntar não ofende. Falamos disso mais tarde. Quando nos reunirmos outra vez. Para comparar notas e lucros. Tenham uma boa vida. Desapareçam!

Finalmente o *Mestre* está sozinho, na caverna destroçada do Sector 500, à espera que aconteça qualquer coisa mais interessante. Sentou-se na borda da plataforma. Iluminam-no sete lamparinas que não deveriam permanecer acesas numa atmosfera composta apenas de CO. O corpo feito de resina mótil não respira. O coração não bate. Mesmo assim cantarola, baixinho, para se entreter, nestes minutos que lhe restam. Canta *High Ho, off to the work I go*. Desafina com *With a smile and a song*. Grita em alta voz *Bluddie-Uddile-Um-Dum*.

E finalmente algo começa a desenhar-se a partir da escuridão. Como se esta se tivesse tornado *visível*: eis a figura de um quinquagenário humano, de barbicha e óculos grossos, vestido com uma gabardina um tanto ou quanto mastigada. Flutua em plena imponderabilidade como se não necessitasse de jactos dorsais. Chega afogueado e raivoso ao dar-se conta de que apareceu demasiado tarde. *Coisa de pouca importância*, conclui Mr. Lux de si para si. O Sector 500 tresanda às feromonas dos Kreepo, cujo Ninho é facilmente identificável. Por todo o lado flutuam partículas de pele do casal de humanos expelidas pelos recicladores de ar dos dois escafandros. Se não os capturou aqui e agora, vai capturá-los mais tarde, isso de certeza. Porque marcas de identificação como estas não se desvanecem facilmente. Duram e perduram nas paredes,

nos esgotos, nos filtros de ar. O que lhe interessa é reaver o que lhe roubaram. Sem mais demoras. Antes que as Irmãs Potestades se dêem conta de que há Metatecnologias à solta no Anel.

Por isso cruza os braços, cofia a barbicha, arregala os olhos ao descobrir que ficou alguém para trás, à sua espera. Um simples boneco teleoperado. Um Disneydroide ridículo. A prenda envenenada de um Zotifix Bonecreiro.

— Ora bom dia — exclama o *Mestre*. — Pelos vistos o meu amigo atrasou-se alguns minutos. Que pena. Teria sido uma reunião assaz interessante. Daquele tipo de encontros capaz de descambar em actos de violência sem limites.

Mr. Lux aproxima-se da plataforma como se deslizasse sobre uma placa de gelo. Os pés não tocam em lado nenhum. As mãos, enfiadas nos bolsos da gardina, não se agarram aos cabos ou anteparas. Tem os lábios crispados num acto de fúria mal contida. Por fim, com os olhos fixos no olhar cristalino do anão, pergunta:

— Onde estão os outros? Quem foi que levou as minhas coisas? Quem ficou com o que não lhe pertence?

O *Mestre* dá uma palmadinha na pança. O barrete dança no ar morto. Mr. Lux parece-se com um ser humano já em fase decadente, mas humano é que ele não é, isso de certeza! Será uma Simulatrix? *Duvidoso*, pensa o Bonecreiro à distância de 5.000 cliques. *O mistério adensa-se*.

— Permita-me que me apresente? Sou o Bonecreiro, talvez o único desta espécie a residir neste lugar infecto onde as Potestades me Exilaram. Mas não tenho a certeza. Podem haver mais. Não costumamos conversar uns com os outros... E Vossa Excelência? Com quem tenho o prazer de conversar?

— Pode chamar-me de Mr. Lux. Por favor, vamos deixar-nos de conversas fiadas! Você sabe perfeitamente ao que eu venho, Bonecreiro!

O *Mestre* sorri, divertido. Com um dos quatro dedos aponta em volta, para a escuridão desolada do Sector 500.

— Quer recuperar aquilo que perdeu? Impossível. Os meus associados já levaram tudo. Aliás, foi coisa pouca. Um *cache* destes, tão bem escondido, apenas com três artefactos? *Boff!*

Mr. Lux senta-se na borda da plataforma ao lado do anão. Retira o *blaster* do bolso e aponta-o ao nariz do Extensor Comunicativo. Apetecia-lhe estoirar com aquela carranca animada, mas há muito, muito tempo que não conversa com ninguém. Tem saudades de uma boa e ácida cavaqueira antes do acto final de extermínio.

— Podiam ser coisas poucas, mas eram as *minhas* coisas. Uma caixa. Uma estatueta. Uma revista escrita por humanos.

— Unh? Metatecnologia, todas elas? Grau 3? Daquele tipo de artefactos que o Fragmento não aprecia?

— A revista não passa de uma revista. A espécie humana adorava imaginar aquilo que o futuro lhe traria. Este número foi publicado em 1928, segundo o calendário terrestre. Comprei-o num quiosque de jornais, em Manhattan, em pleno Verão. Manuseei as páginas com luvas de plica. Sempre com o maior dos cuidados. Por isso ela tem para mim um especial valor afectivo. Não vou dizer-lhe qual, era o que mais faltava!

O *Mestre* encolhe os ombros e soergue uma das mãos, num gesto de paz e concórdia.

— Tudo bem. O meu amigo lá terá direito às suas idiossincrasias. Para que conste, fui eu quem ficou com ela. Por esta altura já deve estar muito longe daqui. Conto revendê-la por bom preço. Unh? Não estará o cavalheiro interessado em comprá-la de volta?

— Não tenho de pagar por aquilo que é meu, Bonecreiro. Vou reaver tudo em breve. Vocês foram por demais descuidados. Deixaram sinais da vossa presença em todos os corredores de acesso. Quando sair daqui, mais minuto, menos minuto, tenho intenções de me vingar com o máximo de danos. E receber juros de mora.

Pela boca escancarada do *Mestre* corre um sorriso enorme:

— Você lá sabe. E, já agora, a Estatueta do passarouco? Que tem ela de especial?

Mr. Lux brinca com o botão digitoeléctrico do *blaster*. *Quase, está quase.*

— A estatueta tem escondido no ventre um Gerador de Entropia. Protegido por uma camada de ouro. Quem lhe tocar, desperta os sintomas mais agressivos da Lei de Murphy. É um objecto que só dá azar, entendido? Um azar total. Um azar de morte. Apareceu primeiro num livro, depois num filme 2D. Coloquei lá dentro o gerador, para me divertir, por uma opção estética. Quem foi que ficou com ele? Os Kreepo ou os humanos?

Uma lágrima enorme escorre pelo olho direito do *Mestre*. Uma lágrima gelatinosa de crocodilo, mas o Extensor não tem outro modo de demonstrar tristeza.

— Foi o casal de humanos... coitados... pareciam tão contentes... Pelos vistos, há uma menina em Luna que em breve vai ficar órfã. Enfim... E já agora, pergunto eu, para descargo da consciência... esse gerador, não pode ser devolvido a quem de direito, antes que aconteça tal desgraça?

Mr. Lux sacode a cabeça. *Está quase, está quase.*

— Não, Bonecreiro, não pode. Estão ambos mortos à partida. E quem quer

que se aproxime deles. O azar é viral. Cataclísmico. Cresce exponencialmente. Pode até propagar-se ao Anel inteiro. É a vida!

— Tudo bem — prossegue o *Mestre*. — O problema não é meu. Os humanos que se cuidem... E... a caixa de madeira? Que tem ela dentro? Pelo toque, pareceu-me estar vazia...

— Incorrecto. Está cheia. Com o oposto do gerador de Entropia. Com algo que... bom, mas isso agora não tem importância. Vamos aos factos. Já conversámos o suficiente sobre pequenos nada. Tenho de ir andando. Há contas a ajustar.

O *Mestre* toca com a mão enluvada no cano do *blaster*. Mr. Lux, repugnado, esboça um movimento de recuo. Por pouco não prime o gatilho.

— Caro, Mr. Lux, lamento, mas disse aos meus companheiros que lhes dava tempo para se poderem escapar. De modo que possam efectuar em segurança as respectivas transacções comerciais. Portanto, não vou, não posso, deixá-lo sair daqui. Pelo menos nos próximos dias. O prometido é devido.

Mr. Lux levanta-se da plataforma onde estava sentado num arremesso de fúria. Flutua agora, sombrio e ameaçador, apenas iluminado pelo voltejar das lamparinas. A mão direita sacode o *blaster*. Perdeu por completo a paciência. *Como podem estas espécies Exiladas ser tão arrogantes?*

— E o Bonecreiro vai impedir-me? Assim sem mais nada? Posso saber como?

— Ora, meu caro amigo — explica o *Mestre* — nada mais fácil. Sei que todo este sector onde guardou o cofre está cravejado de alarmes, de sensores passivos, capazes de detectar qualquer presença estranha, tal como detectaram a nossa. Correcto? O interior, mas não o exterior. E nós, ou seja, os Kreepo, que gostam de organizar estas brincadeiras, instalaram milhares de microbombas térmicas que vão explodir mal eu me desligue. São dois quilómetros de fornalha, Mr. Lux. Por muito depressa que se desloque, não vai conseguir abandonar o Sector 500 a tempo. É a vida, como bem disse há pouco. Tive muito gosto em conhecê-lo, garanto. Mas espero nunca mais voltar a vê-lo.

Mr. Lux resmungando um impropério e dispara, enfim, quanto mais não seja para mostrar que não existem meias medidas. O anão desfaz-se como gotas de cera. Lá no interior da rotunda pança, arde o pequeno pólipo que pertenceu ao corpo do Bonecreiro. Cientes disto, os circuitos das microbombas activam-se, despertando milhares de pequenos sóis.

Ignição.

No interior do sombrio Sector 500, brilha uma luz esplendorosa, mil milhões de vezes mais intensa do que as tristes lamparinas que desde logo perderam forma, coerência e utilidade.



*Mr. Lux*



**T**rezentas e quarenta cinco horas depois, a temperatura no interior do Sector 500 ainda está próxima dos dois mil graus Celsius. Pequenas falhas na estrutura interna das naves conglomeradas abriram caminho ao vácuo exterior. A atmosfera tórrida de CO escapou-se num silvo cada vez mais inaudível. Agora impera um silêncio total. Gases resultantes das bolhas solidificadas de combustível rodopiam em torno de um eixo invisível, como se fossem planetas em vias de arrefecimento. E contudo a luz existe. Onde antes era a escuridão, agora o Sector 500 brilha sob o beijo térmico das vigas em brasa. Anteparas pingam gotas de metal semi-fundido, e estas espalham-se em volta, na microgravidade ambiente, rumo à massa das paredes distantes. As paredes, essas, fulgem em tonalidades vermelhas de sangue. O Sector 500 contraiu-se durante o estoiro inicial, dilatou-se com a força dos gases em expansão, estalou, abriu fendas, contorceu-se, cuspiu para o exterior toneladas de material excedentário, e por fim deixou-se ficar nesta nova configuração de agonia pacata. Continua a fazer parte do Anel. Mas é uma parte que as Espécies Exiladas acharam por bem ignorar. Ninguém vai aparecer aqui para inspeccionar o que realmente aconteceu.

Em boa verdade, tudo tem um fim, todas as coisas arrefecem, quando sujeitas ao frio intenso que chega do exterior. Não há oxigénio, e portanto não existem fogos residuais. A cor azul dos materiais bafejados pela explosão passou do branco ao vermelho de sangue, para terminar no negro do carbono puro. O vácuo ambiente está agora saturado de cinzas, polímeros, materiais exóticos, formando um nevoeiro quase sólido de desperdícios vários. Algo que pode ser utilizado para reconstruir aquilo que se perdeu.

A verdade é que, nesse lusco-fusco onde nada deveria existir, há qualquer coisa a deslocar-se com uma intenção específica. Um fio de líquido dourado com a consistência do mel serpenteia no meio da treva crescente. Um fio que apanha uma lasca de pele aqui e que a vai colar sobre os restos de uma tibia carbonizada que encontrou acolá. Porque compostos orgânicos como o fósforo, cálcio, magnésio, carbono, são substâncias relativamente fáceis de encontrar na imensidade cavernosa do Sector 500, que em tempos serviu de lixeira e necrotério. O crânio blindado de Mr. Lux resistiu ao choque inicial. E dado que o crânio sobreviveu quase intacto, foram entretanto activados os respectivos protocolos de crise. Su-

jeito a novos imperativos, o Sacramento que lhe circulava nas veias resolveu reconstituir o torresmo do corpo, com toda a paciência que é dada aos avatares. E assim, pouco a pouco, Mr. Lux voltou a reconfigurar-se. Fibra após fibra, órgão após órgão. Não todos, claro, porque muitos dos constituintes que faziam parte do corpo original perderam-se durante a conflagração. Mas para que é preciso um fígado, uma próstata, um baço, ou sequer um rim? Para nada. Quando forem necessários, poderão ser reformatados num momento mais propício. O que mais importa é que uma parcela de Mr. Lux se tenha podido reactivar mais cedo do que duraria a reconstrução de um corpo substituto no interior do Solar de Sunset Boulevard.

Mr. Lux lá se vai incrementando, devagar, devagarinho, hora após hora, sempre a adquirir consistência, num doce rodopio, algures no Sector 500, bafejado por um sopro dourado que lhe garantiu uma nova vida, até que os dedos dos pés estremeçam, as mãos comecem a estorcer-se como pequenos vermes brancos, a boca desdentada se abra num grito silencioso de raiva. Os olhos abrem-se, porque estes são, sem sombra de dúvida, uma prioridade. Por fim, um simulacro de língua estala no céu da boca parcialmente recomposto de esquirolas de plasmetal. Mr. Lux está de novo consciente, com todo o processo de informação a ser descarregado numa estrutura neuronal que funciona a dois terços da perfeição. Consciente e raivoso, pois perdeu horas preciosas enquanto o que era seu passou para mãos alheias.

Este imenso fiasco vai decerto despertar a atenção dos seus Irmãos. A Metatecnologia não deveria encontrar-se aqui, neste lugar de Exílio. Metatecnologia essa que se tornou de súbito *visível*. Por culpa sua. Azares de um jogo que já se perpetua desde há milhares de anos.

Mr. Lux sacode os braços, bate as pernas para alterar o centro de gravidade, agarra-se à antepara mais próxima que lhe faz ferver a pouca carne que ainda existe na palma das mãos, ignora esta suspeita de dor, e segue em frente, em pequenos saltos, com as costas a fumegar, coberto de cinza e outros materiais aderentes, nu como se tivesse saído do tanque de regeneração das Simulatrix, um pequeno monstro de fúria contida, rumo às possíveis comportas de acesso ao Sector 500.

Que se encontram, como já seria de esperar, fundidas e bloqueadas, completamente inoperacionais.

Felizmente há sempre um plano B.

Mr. Lux, em desespero de causa, esgueira-se por uma fenda aberta na estrutura do casco desta nave morta, mergulha entre duas falésias de metal durante duas centenas de metros, até conseguir chegar ao exterior.

Lá fora, brilham as estrelas com a indiferença que lhes é devida, rodopia a Terra, o Anel estende-se para o alto como se fosse uma ponte gigantesca onde não se consegue notar a mais pequena curvatura, e ali, perdido no meio deste artefacto imenso, o avatar não passa de um pontinho a mover-se no meio de torres, poços térmicos, nuvens de fago-nanócitos que ninguém controla, conglomerados Escherianos de bioplástico enlouquecido, carcinomas que corroeram os cascos das centenas de naves exaustas e já sem manutenção. Mr. Lux não respira, claro, o pouco Sacramento que ainda lhe corre nas veias chega para alimentar aquilo que sobra do corpo, permite-lhe mover-se em saltos comedidos, as palmas dos pés colam-se aos cascos das naves mortas como as patinhas de uma osga, e assim, no meio do abismo quase incompreensível que forma a estrutura externa do Anel, lá vai seguindo durante vinte quilómetros, a passo de caracol, rodeado de uma aureola de vapor resultante da sublimação dos componentes orgânicos do corpo que não conseguiram resistir à moinha do vácuo, até conseguir encontrar uma comporta viável que lhe permita aceder ao interior.

Depois de ter passado por uma sequência demencial de comportas estancadas, todas elas bloqueadas por selos gnósticos e maldosos, quando a pressão atmosférica regressa, Mr. Lux descobre que está nu, fedorento, o corpo incompleto manchado pela cinza, com gotículas do Sacramento a tentarem escamar as feridas abertas pela descompressão, mas a verdade é que voltou a penetrar no Anel, voltou a ter acesso à Infosfera, aos bancos de dados onde os Kreepo guardam aquilo em que investiram, e, quem sabe, talvez ainda vá a tempo de colocar um tampão no abismo que se lhe abriu pela frente.

#### 4

Sua Exa, o Kreepo Mr. Beta, com o *pacote* bem apertado entre os apêndices manipuladores, penetra enfim na vesícula central do Império Krill. Atrás dele seguem vinte irmãos de ninhada bem armados, com as bocas dos *desconstructores* a pipilar avisos de estropiação iminente, caso haja traições, aquisições agressivas, falsas promessas, incumprimento de contratos e todas essas coisas que costumam acontecer quando lidamos com espécies que não oferecem o mínimo de honestidade e confiança. Em boa verdade, os Krill são tão exóticos que o próprio Mr. Beta, orgulhoso da sua estranheza, mal os consegue compreender. Mas negócios são negócios, e o Kreepo faz parte de uma espécie

que transformou as trocas comerciais numa forma de arte. Por isso mesmo, exigem os protocolos, devemos seguir em frente, com placidez e cordialidade. Mas sempre com firmeza.

O solo que as quatro patinhas locomotoras pisam forma uma tecitura de filamentos, que vibra e se torce como se estes estivessem em permanente reformatação. Mr. Beta sente-se como se estivesse suspenso num doce marulhar de águas sólidas. Suspira, incomodado por esta espera que já dura há alguns minutos, como se o Império Krill quisesse mostrar a tudo e todos quem é que manda ali. No dorso queratinoso do Kreepo, pintinhas luminosas acendem-se e apagam-se para indicar aos companheiros que devem ter calma, calma, calma...

*Pobre e iludido Império, pensa Mr. Beta. Como se depois do que vai gastar nesta compra ainda tivesse fundos de maneo para sobreviver no Anel.*

Em boa verdade o Kreepo não tem de se preocupar com a catastrófica gestão económica de outras espécies. Está ali para vender um produto, um artefacto raríssimo, e ponto final no resto da conversa.

Por isso fica onde está, mais ou menos quieto, com o cefalotórax inclinado em frente, a aguardar que alguém se digne a vir ter com ele. Nas suas costas, os soldados companheiros trinam canções de embalar, sinal de que estão prestes a perder a paciência.

Os implantes acoplados ao cefalotórax sopram ar na direcção dos opérculos respiratórios, pois aqui, no centro da vesícula que o Império decidiu ser a Sala de Conferências, não há oxigénio, apenas uma atmosfera neutra de nitrogénio que não dá alento a ninguém. Discreto e vingativo Mr. Beta resolve expelir pelo abdómen uns quantos bafos de gases resultante de uma digestão difícil. E que se lixe a pureza do local. Um pouco de metano não faz mal a ninguém.

Os pedúnculos visuais, três, como manda o figurino, distendem-se e contraem-se enquanto examina a paisagem em volta. A tromba aspirante, parecida com a de uma libelinha, ergue-se no ar, estica-se e volta a enrolar-se, não porque tenha fome, não que haja por ali algo que possa ser dissolvido pelos sucos gástricos que um dos estômagos costuma expelir durante o acto de incorporação de proteína, mas simplesmente porque sim, porque um Kreepo é um Kreepo, sempre em constante movimento, com uma forma estética de biocinese.

A cúpula da vesícula onde se encontra a comitiva tem vinte metros de altura e forma um semiesferóide amolecido que ora estremece, ora se regidifica, sujeita a qualquer tipo de imperativo que o Kreepo desconhece. A luz ambiente, alaranjada e soturna, lembra um daqueles crepúsculos do mundo à volta do qual se instalou o Anel. Não há nenhuma fonte energética visível capaz de justificar esta iluminação. Mas Mr. Beta também não quer saber. Não lhe interessam as

tecnologias do Império Krill. Apenas o seu Kapital. Ou o pouco que dele resta. E é melhor que eles se apressem, antes que haja uma vistoria dos yurulans.

E de súbito, de um segundo para o outro, como um passe de magia, desfaz-se a curvatura da cúpula e Mr. Beta percebe enfim que os Krill já estavam presentes na sala desde o início da sessão, que o que havia lá no alto não era uma cúpula, mas sim Krills e mais Krills, colados uns aos outros pela alegada cauda. Finalmente o Império decidiu que era chegada a hora de comunicar com esta delegação de Kreepos.

Os Krills tombam em doce revoada, aos milhares de milhões, com a cauda a adejar. Se houvesse um humano presente, ele poderia dizer que os Krills se pareciam com uma fita adesiva, semi-elástica, negra de azeviche, dotada numa das extremidades de um par de bracinhos extensíveis, com uma pequena pinça de dois dedos na ponta. Na almofadinha dos dedos, destaca-se uma ventosa bioluminescente, um pequeno luzeiro que brilha como um LED natalício. Não existe um cérebro complexo e individualizado em cada uma destas criaturas. Os Krill não são indivíduos. Formam um Império, uma *hivemind* bem diferente dos ninhos Kreepo. Logo à partida, é importante que estas diferenças sejam estabelecidas, para que não haja confusões. A consciência dos Krill cresce à medida que se colam uns aos outros pela cauda. Como um neurónio a outro neurónio, apenas separados por uma microfissura sináptica. Os Kreepo, pelo contrário, honra lhes seja feita, são criaturas autoconscientes, embora possam partilhar das mesmas opiniões miméticas durante festas comunitárias.

Pela sala adejam agora milhares de Krills em configurações que lembram o voo dos estorninhos. Esta generosa informação chega-lhe da Infopédia, a título gratuito. Mr. Beta estala as pinças. Quer lá saber dos *estorninhos*, já passou ali demasiado tempo, só pensa em ir-se embora, depois do negócio concluído.

Os Krill dançam, rodopiam, traçam linhas de luz com desenhos tão fátuos quanto incompreensíveis, e só então começam a congregar-se num cilindro ao centro da sala. Outros desaparecem para ir participar na tecitura do solo, na trama dos arcobotantes, nas paredes cavernosas dos corredores secundários. Aos poucos, graças aos esforços dos que ainda restam, uma estrutura vagamente luminescente vai ganhando forma ao centro da sala. Uma coluna cilíndrica com cinco metros de altura, dotada de fonadores, como se o conglomerado Krill se tivesse transformado, de um momento para o outro, numa central de comunicações. E por fim, do interior, vibra uma voz que se exprime em *trade*, uma voz que esconde atrás dela incontáveis multitudes.

— Aguardamos. O Império deseja. O Império assimila. O Império adquire!  
Mr. Beta estala uma das patas lagosteiras enquanto exhibe o *pacote* com a

outra. No interior, protegido por um polímero translúcido, encontra-se aquilo que pretende vender ao Império Krill. Uma caixinha com a tampa lacrada. Uma caixinha feita de madeira. Algo de muito frágil. E precioso.

— É genuína? — pergunta a voz — Pertence àquilo que se perdeu?

— Camarada, camarada... — replica o Kreepo, como se estivesse ofendido, quando, em boa verdade, receia pela continuidade da sua existência individual. — Este objecto foi recuperado num dos *caches* de que já falámos. Vale fortunas, e estou aqui para o transaccionar por quase nada. O meu Ninho é generoso. Ajuda os oprimidos. Nunca abusou de quem trabalha...

— Queremos observar de perto. Analisar. Configurar.

— Camaradas, estou aqui para isso. O meu Ninho fornece um certificado de garantia. Produto genuíno. Os nossos *scanners* detectaram no interior da caixa uma fonte de energia de uma intensidade quase solar. Uma fonte concentrada num único ponto. Quando bem utilizada, deverá manter activos os geradores do vosso Império durante mais de cem anos terrestres. Metatecnologia, cavalheiros. Acessível a quem a saiba utilizar...

— Poise artefacto. Recue duas unidades. Exame antes da compra. Já. Execução. Império exige. Império investiga.

Uma pequena plataforma cresce do solo mesmo em frente dos pedúnculos ambulacrários de Mr. Beta. Uma plataforma feita à base de Krills, como todo o Império, como toda a nave, aliás.

Mr. Beta inclina-se, poisa a caixinha sobre o topo da plataforma recém-formada e recua dois passos. Os companheiros de Ninho empunham os disruptores, não vá haver chatices, tipo aquisições violentas sem pagamento de facturas.

Um foco de luz doce e azulada tomba do alto e banha a caixa. Lá em cima ouvem-se *blips* e múltiplas restolhadas.

— Imagem no topo — pergunta o Império. — Incompreensível ao Império. Que representa?

Mr. Beta adora explicar coisas aos néscios:

— Representa uma menina pertencente à espécie que tão generosamente nos recolheu. Uma menina humana, de joelhos, a abrir precisamente a tampa desta caixinha. Impossível explicar os protocolos faciais da criatura, mas quem sabe disso, informou-nos de que se trata de uma expressão de felicidade curiosa. Como se tivesse entre os órgãos manipuladores um presente único.

— Império exige ruptura do selo. Ao Império importa um exame mais directo. Antes de pagar. Antes de transaccionar.

— Não, não, não... — trina Mr. Beta, voltando a aproximar-se do pacote, até conseguir protegê-lo com a ajuda de uma das patas lagosteiras. — O produto está

selado, sinal de qualidade inviolável. Trata-se de um artefacto autêntico, camarada. Por nós recuperado com grandes sacrifícios.

— Império desconfia. Império já foi ultrajado com outras transacções menos genuínas...

— Camarada, se o Império foi um dia enganado por membros pertencentes a um capitalismo selvagem, não foi certamente por nós, pelos Kreepos, pelo meu Ninho. Nunca. Estou aqui, de mãos abertas, para participar num acto de sólida empatia. Ou de ultraviolência, caso as coisas dêem para o torto. Porque, como bem se recorda, sabemos defender-nos.

No centro da sala, a coluna estremece, vibra, como se estivesse sujeita a pressões conflituosas. Por todo o lado pesa o silêncio de quem não consegue decidir-se.

Mr. Beta trina uma canção maviosa. Os companheiros tamborilam nas coronhas dos disruptores. Lá no alto adejam revoadas. Estamos perante aquilo a que poderíamos chamar de pausa expectante. Outras espécies diriam que passou um Anjo. De qualquer modo, este tipo de silêncios é sempre incómodo. Demora segundos que duram como se fossem minutos.

Até que o cilindro volta a estremeecer:

— Império concorda. Império submete-se, a contragosto. Em vias de transacção de fundos acordados. Por favor, conferir conta.

Mr. Beta acede à IA do Ninho e confere. Confere uma vez e depois duas, para se certificar de que não se enganou.

— Camarada, a transacção *não* foi efectuada. A conta continua em branco.

— Incorrecto! — clama a voz que representa o Império. — A transacção acabou de ser efectuada! Conferir.

Mr. Beta solta um trinado que representa um suspiro.

— Camarada, já conferei várias vezes. O montante não passou. A compra continua por efectuar.

A sala inteira estremece. Krills deslizam de um lado para o outro em linhas de fúria. A nave vibra, telúrica. Lá ao longe, ouve-se um estrondo de quem está a libertar, um a um, os grampos que a prendiam ao Anel.

E depois chega aos ouvidos e aos sensores de todos os presentes uma voz. A voz da autoridade. A voz de um yurulan:

— **Informo que o Império Krill excedeu todos os limites de crédito que lhe foram generosamente atribuídos. A dívida para com o Anel acabou de ultrapassar 100 biliões de Euros, moeda Terrestre. Detectámos igualmente medidas intrusivas nas contas bancárias de várias instituições. Crimes vários e gravosos. Condenação imediata: expulsão. Exílio. Ostracismo.**

— Inocente! Império Krill inocente! Crédito válido! Estamos a ser roubados!

Discreto, Mr. Beta volta a estender a pinça para agarrar na caixinha. Qualquer coisa má aconteceu. Qualquer coisa terrível. A verdade é que não pode ficar ali por muito mais tempo. O Império Krill está a descolar-se do Anel. Os cabos de alimentação foram desligados. Sem gerador de hipersalto, a nave vai *cair*. Cair em ruína, na direcção da Terra. Como todas aquelas que não souberam gerir os fundos de maneio. Importa executar uma retirada estratégica. *Adeus, Império Krill. A caixinha será vendida a outros interessados...*

— Invasão! — geme o cilindro. — Invasão! Invasão!

A verdade é que alguém acabou de entrar no Império sem que lhe tivessem dado autorização. Alguém que atravessa as vias de acesso da nave Krill com absoluta impunidade. Alguém que se aproxima da vesícula central em passinhos discretos. Uma forma quase humana.

A criatura que assim se aproxima tem os ossos das duas pernas a descoberto. Parte do tórax verte um fluido dourado que escorre devagarinho, até voltar a ser absorvido pelos rasgões do ventre. Um pulmão posto a nu abre-se e fecha-se como se fosse um harmónio feito de couro. Mesmo assim tem forma humana. Um crânio. Um par de olhos duros como o vidro. E uma boca onde serpenteia uma língua metálica.

Mr. Lux (ou o que dele resta) chega ao centro da vesícula a tremer de raiva incontida.

—Essa caixa é minha! Minha, apenas! Vocês, Kreepos, roubaram-ma! Vão pagá-las caro. Escorracei o Império Krill. Esvaziei-lhes as contas. Cortei-lhes o crédito. Mas... proponho o seguinte, antes que se finalizem mais desgraças...

— Império interroga! Império clama injustiça. A caixa é nossa! — grita o cilindro enquanto lá no alto se espessam milhares de pequenos Krill em formação de ataque.

— O Império que se cuide! — replica a voz estropiada de Mr. Lux. — Devolvam-me a caixa, que eu devolvo os créditos perdidos. O dinheiro fantasma voltará a ser real. O Império poderá ser reintegrado no Anel, como se nada tivesse acontecido. É a vossa última oportunidade.

— **Excisão terminal em três minutos e a contar.** — Insiste a voz de quem manda. — **Lotaria activa em todos os continentes do planeta. Os administradores do Anel lamentam as futuras vítimas do impacto, mas crimes como este têm de ser vistos por todos. A comunidade de Exilados não permite contempções. O prémio da Lotaria vai compensar os lesados.**

Mr. Lux estende uma das mãos para segurar na caixinha, mas Mr. Beta aproveita a confusão crescente para lhe deitar as pinças manipuladoras. Desconhece



quem seja esta criatura disforme, que aqui penetrou como cão em vinha vindimada. A caixa é sua. E será devolvida ao Ninho. Entretanto, uma lança composta por centenas de mãozinhas Krill mergulha do alto para pescar o artefacto. Mr. Lux atira-se para o meio do caos, louco furioso, com parte do crânio a descoberto onde pulsa uma massa dourada que em nada se parece com um cérebro humano. Perdeu parte das capacidades cognitivas superiores. Deixou de raciocinar como devia e, como é óbvio, perdas destas pagam-se caro. Agora é apenas mais um, no meio da refrega.

A caixa passa de mão em pinça, e das pinças dos Kreepo para os milhares de pequenas ventosas, cai ao chão, é pisada, pontapeada, recuperada, perdida, rasga-se o polímero que a protegia, parte-se a tampa, e o que estava lá dentro fica livre, enfim...

— **A comunidade do Anel despede-se de quem tão explicitamente a ultrajou. Adeus, Império Krill. Que a Queda te seja leve!**

E o Império Krill começa a cair.

Expulso pelo Anel que até ali o abrigou.

Devagar, rumo à atmosfera terrestre.

Enquanto isso, no interior da imensa casca, negra e ovóide, rodopiam milhares de pequenas unidades Krill em busca de novas configurações, mas não há nada que possa ajudar o Império, travar a queda anunciada, nada que lhe permita voltar à liberdade do Espaço Exterior.

O Império Krill há muito perdeu os geradores de hipersalto, confiscados pelos Yurulans. Os geradores Agrav encontram-se esvaziados de energia. A tocha de fusão não contém uma única partícula com que possa ser activada, matando à fome o buraco negro quase invisível no seu estômago. Não passa de um calhau polido a cair rumo ao poço gravítico da Terra.

E, no interior, o combate inútil prossegue. Kreepos disparam disruptores a torto e a direito. Sabem que não vão poder regressar ao Ninho que os gerou. Estão agora a obedecer, apenas, aos protocolos instintivos de defesa/ataque. Não podem fazer outra coisa senão massacrar unidades Krill que se lhes colaram ao corpo com ventosas que cortam como lâminas. Fragmentos de queratina explodem em pequenas nuvens. Aqui gira um pedúnculo óptico, ali uma patinha lagosteira. Os disruptores cortam pedaços da abóbada vesicular, fragmentam o cilindro comunicativo, incendeiam a atmosfera ambiente num fogo de micro-partículas. No meio desta conflagração, arde aquilo que foi Mr. Lux para fazer jus ao seu nome. Gotas de Sacramento respingam contra as arcadas distantes.

Quanto à caixinha que alegadamente pertenceu a Pandora, feita em farripas, bate aqui, bate acolá, vazia, vazia, vazia...

E o Império Krill tomba, devagar, devagar, empurrado pelos feixes tractores dos yurulans de serviço. A nave tem um quilómetro de diâmetro por quinhentos metros de altura. Uma massa de um milhão de toneladas. Quem a vê assim cair, a uma distância segura, espera que parte dela se desintegre contra a atmosfera. Se impactar contra um aglomerado humano, o choque vai ser brutal. Muitos inocentes vão morrer calcinados. No fundo de uma cratera ou sob o beijo de um tsunami. Contudo, quem tiver acertado no ponto de impacto, vai ficar rico. Isto é, se ainda estiver vivo.

O Império Krill mergulha a pique, atravessa a Exosfera, raspa o casco contra as partículas de hélio e hidrogénio e começa a aquecer. A temperatura externa atingiu os cinco mil graus. Espatifa na sua esteira umas boas dezenas de satélites de comunicação desactivados, mas quem quer saber deles? Escama-se aos poucos a superfície exterior. O Império Krill deixa atrás de si um doce rastro de luz. E não se fica por ali.

A nave ostracizada tomba e corta a meio a Termosfera. Está agora a quinhentos quilómetros do solo. E ao cair, envolta nesta agonia terminal, transforma-se numa estrela cadente: quem reparar nela que faça um desejo. Rápido, antes que esta desapareça na curva do horizonte.

A oitenta quilómetros de altura, passa pela mesosfera com a indiferença que lhe é devida, até começar a carambolar contra a estratosfera. Bate e rebate como um seixo contra as ondas do mar. Bate, aquece e arde. O Império Krill é agora um pequeno sol a iluminar o crepúsculo.

A doze quilómetros de altitude, em plena troposfera, a Força que se libertou da caixinha espatifada decidiu agir, enfim. Algo mágico acontece, algo de sublime, algo eivado de uma terrível e implacável beleza. A velocidade terminal começa a diminuir, o Império Krill *trava*, como se isso fosse suficiente para salvar a vida de quem viaja no seu interior.

Lá dentro, o derradeiro dos demónios contidos na caixa ganhou vida própria: uma vida fulgurante, que só às metatecnologias pertence.

Mr. Lux, que em tempos a guardou num frágil contentor de madeira, resolveu dar-lhe um nome atribuído a um velho mito helénico: Pandora, uma adulescente parva, habitante dessa Arcádia original, desobedeceu aos Deuses, abriu aquilo que não devia e deixou escapar todos os demónios que hoje assombram a humanidade. Ao tentar fechar a tampa, só conseguiu guardar um. Aquele que está à solta no interior do malogrado Império Krill.

*A Esperança.*

Uma força que acordou demasiado tarde para conter o Impacto.

## A ASCENSÃO

### 0.

O homem sem rosto desce ao leito da ribeira, cauteloso em avançar devagar e com ruído para anunciar a chegada e não assustar nenhum guarda. Fá-lo a norte da toca, quando o vento sopra de feição. O homem não tem rosto porque todos os rostos são o seu, bem como todas as figuras. Veste um fato animado que projecta a imagem de uma pessoa diferente, a cada cinco segundos. O efeito é desconcertante, e permite o anonimato visual, embora não completo, pois um sistema inteligente consegue identificá-lo pela forma de andar. Por esse motivo, adaptou os sapatos para aumentarem e diminuírem as solas de forma aleatória. É desconfortável mas compensa.

A ribeira há muitos anos que secou. As paredes laterais já não se enchem de ervas e flores como antigamente, já não é preciso limpá-las com regularidade. O homem recorda as vezes em que acompanhou o pai, encarregado deste serviço camarário. Um ribeiro natural invadido pelo crescimento urbano: sujo, salobro, pestilento — e contudo, resistira, qual viajante de outra era, serpenteando entre prédios e avenidas, em demonstração de certas verdades universais. Ou assim o descrevia o pai, que talvez sentisse uma necessidade de embelezar o mundo para o filho. O homem não tem descendência e logo agarra-se à verdade. Contraria quem afirma que os exóticos mudaram o clima: aquele ribeiro em particular já tinha secado muito antes da chegada da primeira nave.

Não deixa de haver uma redenção na importância que os novos ocupantes lhe deram. Em como ignoraram sumariamente as construções humanas — os recintos de guarida montados à pressa, as zonas de quarentena e mesmo os bairros evacuados à força — e se instalaram nos nichos de natureza que ainda espreitava por entre o asfalto e o betão armado. É claro que tais nichos não ficaram impunes;

todo o organismo vivo adapta o espaço em redor para aumentar hipóteses de sobrevivência. Torná-lo estranho e perigoso para as espécies inimigas.

Como as trepadeiras que se afastam à sua passagem, num tropismo arrepiante de que a flora terrestre jamais seria capaz.

O homem pára e retira do bolso um objecto, que estende ao alto. Soa um trinado agudo.

Da folhagem estica-se uma haste, e no cimo desta um olho, que o perscruta atentamente. A haste cresce, para revelar outro olho a meio, que faz a mesma análise. Por fim, emerge o corpo bojudo, uma bola pastosa coberta de espinhos, assente, não em patas mas em protuberâncias musculares deslizantes. Sob a junção da haste ao corpo encontra-se um terceiro olho, enorme, vermelho e inchado, que o fita com uma antipatia desconfortavelmente humana.

O homem aguarda, sabendo que estarão a ser trocadas mensagens telepáticas. Os espinhos encaram-no, desconfiados. Aperta a agulha no bolso, rezando para que o antídoto comprado no mercado negro seja eficaz. Pagou bastante para que fosse — mas se assim não for, jamais voltará para reclamar, algo de que o vendedor estava plenamente consciente...

Por fim, a bola espinhuda dá meia-volta e começa a avançar, sinal de que recebeu autorização. O homem segue o exótico, com um suspiro profundo. Ainda não é desta.

Ao chegar à toca, já a ansiedade foi substituída pela exaltação. Ignora o que vai encontrar, desta vez, mas pressente que será importante. Considera-se com bom faro. Além de ter escutado certos rumores.

— Devo... considerar a... tua... vinda... insuspeita?

— Lúcio-o-Magnífico, curvo-me perante a vossa presença — diz o homem, não se curvando. A linguagem corporal humana não funciona com extra-terrestres. Mesmo a fala seria um problema impossível de resolver, se não fosse a multiplicidade de espécies e os milénios de convívio galáctico que as obrigaram a desenvolver tecnologia tradutória avançada, além dos necessários apêndices de locução e audição, capazes de abranger sons, compostos químicos, vibrações electromagnéticas, e uma multiplicidade incrível de formas, conforme explicavam os documentários do governo. Nesse aspecto, para a espécie humana, o primeiro contacto resultou bastante simplificado. — A minha visita tem o propósito de sempre, estabelecer relações-de-mútuo-benefício com vossa Eminência. Possa eu aliviar-vos do fardo das posses materiais em troca do objecto-riqueza!

São frases protocolares, dizem-se sem pensar. Que o picão tenha aguardado algum tempo antes de responder, é de ficar alerta. A hesitação é tão informativa

quanto uma resposta completa. A não ser que a caixa-de-voz do exótico esteja avariada.

— Novos... produtos chegaram há... recente — a fala artificial é um misto de várias vozes femininas e masculinas, sem ordem nem estrutura e com problemas gramaticais. O homem preferia que falassem em *trade*, mas o picão tem medo das escutas. — Pouco tempo... para... saber.

— Tenho as minhas fontes, ó-Magnífico-entre-os-plebeus — de acordo com o regime protocolar, os picões-mor precisam de bajulação constante. Mas se calhar a regra aplica-se apenas ao contacto com humanos. — Quis vir e ver antes dos concorrentes.

— Agrada-me... tua... competência — retrocede para a toca, baloiçando nos pedúnculos musculares e revirando os olhos sem precisar de rodar o corpo. — Tira... ridícula... carapaça...

— Assim que entrarmos — estão agora debaixo das arcadas da pequena ponte filipina. São duas, separadas pelo pilar central e único da ponte; a da esquerda contém a loja de Lúcio. A da direita dá passagem ao território dos picões, e esse, nenhum ser humano conseguiu visitar. Atravessam a folhagem densa, cujas folhas enriquecidas com metal reflectem luz e calor, além de criarem ruído subsónico, pelo que servem de protecção adequada à espionagem mais básica. O homem desliga o fato e retira o capuz. O nevoeiro de figuras desvanece-se, restando apenas uma cobertura de corpo inteiro feita de monofilamentos negros. É uma vestimenta quente, mas necessária. Lúcio observa-o atentamente. Parece ficar satisfeito. O homem imagina armamento de natureza vária recolher-se de volta aos respectivos casulos. O exótico dirige-se para um recanto da arcada, que se abre, revelando um espaço maior. O homem retira um par de óculos do bolso e enfia-os, para conseguir ver na escuridão. Não se trata propriamente de uma aversão exótica à claridade: alguns daqueles objectos podem activar-se ante a presença da luz.

— Material... desde visita... última.

O homem analisa a oferta. É uma parafernália que não tem fim. Dispositivos e artefactos de diferentes eras e culturas estão amontoados sem qualquer critério diferenciador. Duvida que alguns devam habitar o mesmo espaço; certos mecanismos bélicos activam-se na presença mútua. Mas há que recear pouco, pois são no limite tecnologia de grau 3<sup>+</sup>, no limite alguma coisa a transpor a fronteira para o 2<sup>.</sup> Magoa mas não fere, ou se ferir não mata. Ou assim reza o rumor.

— Receio ver muito do que já vi antes — diz o homem, ainda que o coração anseie por mais um cordame-projector yypre, que emite imagens hipnóticas e relaxantes das erupções vulcânicas do planeta natal da espécie. Há sempre clientela

para aquelas coisas, mesmo em épocas de aperto.— Vossa majéstica presença, será esta a melhor oferta para um cliente dedicado como eu? Um cliente que vos costuma recompensar conforme mereceis?

Não obstante as inúmeras diferenças culturais, morfológicas e cognitivas, quando se trata de regatear, parece haver uma lei galáctica que une as espécies. O exótico resmunga ao seu modo, o homem resmunga mais um pouco, e após alguns minutos abre-se a portinhola do que parecia ser um inocente veio da ponte.

— Para... clientes discretos... abonados... compra... especial...

«Especial» é um eufemismo. O homem deixa cair o queixo de espanto. Nunca viu tecnologia assim. Tem a certeza de que não pode ser legal. Não neste universo, e sem dúvida que não neste regime autocrático das Potestades.

— Onde... em que é que me está a meter, Excelência... — retira uma lupa de bolso, passa-a pelos instrumentos. Os números de fabrico surgem no visor redondo. As baterias mostram sinais de vida. Frases curtas dão-lhe indícios sobre a integridade. — Há indícios de fungos e corrosão. Isto esteve dentro de água?

— Faz... melhor... não... perguntar... tanto...

— Se me apanham com isto, vou ter de responder a muitas perguntas — os códigos têm um formato que não reconhece. A lupa indica uma proveniência improvável. Krill. Não se trata daquela espécie exterminada pelas Potestades? Não foi toda a sua tecnologia confiscada? Arrepiando-se, atira a lupa para o chão e pisa-a. Nunca se sabe que tipo de ligação remota pode esta manter com os espíões do Fragmento.

— Isso... sensato... mas... nada sei... sobre... apanhar... problema teu...

— Vai ter de reflectir-se no preço, excelso Magnífico.

— Muito... caro... para ti... comprador... anunciado... vem de longe...

O homem cala-se. Está o sacana do picão a rir-se dele? Está a prepará-lo para uma negociata demorada? É verdade que aquele manancial é mais do que esperava, e vai consumir grande parte das poupanças que lhe restam, mas há muitos anos que tem aliviado o exótico de produtos à margem da lei. A lealdade devia contar.

— Preço não interessa. Hei-de conseguir pagar a vosso excelso majéstico magnífico... — a voz perde energia. O exótico acaba de indicar um valor de base para negociação. É uma pequena fortuna.

Jamais conseguirá.

— Comprador... especial... — também um eufemismo? O homem suspeita que sim. — Negociar... depois... dele... restos são... para ti...

É um vício, sabe-o bem. Um vício que alimenta desde que eles chegaram, desde que mudaram a sua vida. Já não estamos sós, mas até isso não basta. É

preciso mergulhar no Outro, conhecê-lo a fundo, mudar o corpo, alterar a alma. Deseja-o há muitos anos. Ser um dos exóticos. Acordar transformado. A Síndrome de Samsa, é como lhe chamam. Nele, ainda não chegou o momento de experimentar enxertos. Conhece a taxa de fatalidades. Um dia, quando a tecnologia melhorar. Vai compensando com coleccionismo, com a recolha obsessiva de objectos íntimos (objectos usados pela espécie, não os que são colocados em praça pública). Sem contar com as negociatas que vai conseguindo com outros que padecem do seu mal... O que tem diante de si enlouquece-o. Testemunho final de uma espécie. Ouviu as histórias da nave que se despenhou das alturas, há vinte anos. Tombou no oceano, em parte incerta. Alguém a terá descoberto, à revelia das autoridades, ou deparou-se com salvados à tona. Não interessa. É uma oportunidade única.

Entre os coleccionadores existe uma máxima: quem mais quer é quem mais obtém.

Retira o neurodisruptor do bolso e encosta-o ao olho gigante no corpo do picão. Dezenas de pinças raspam contra braços e costas e pescoço, rasgando o fato de invisibilidade. As toxinas invadem-no, a arder. Picou-se com o antídoto, e agora reza. Reza para ter atingido o exótico no sítio certo, o emissor telepático, caso contrário a loja em breve se encherá de guardas. Lúcio estremece e o homem atinge-o com nova descarga. Não se imaginava tão ressentido com o picão, mas é indiscutível que a violência deste ataque não se destina apenas a desarmar o adversário.

Lúcio tomba, finalmente. Morto ou adormecido, pouco importa. O homem olha em volta, subitamente desperto para a possibilidade de ser dono de tudo. Tudo o que lhe esteve negado por falta de meios. É uma criança numa loja de doces, incapaz de decidir. Mas o barulho lá fora recorda-o da motivação inicial. Retira um saco do bolso, expande-o, enche-o. O legado krill, mas também placas de queratina kleepo, feromonas vulpis, luminíferos samaritanicos, e, claro, cordames-projectores yypres. Rapidamente fica cheio. Puxa as rodas para fora. Vai ter de empurrar.

Lúcio estremece, e o homem sobressalta-se. Cai por terra o que segurava. Uma caixa com dizeres e rabiscos na tampa. Não parece krill. Espanta-se por algo tão banal se encontrar entre os despojos — talvez seja um engano do picão. Quem pode confiar naquela espécie? Enfia o objecto no bolso, para não misturar com o que é importante. Volta a colocar o capuz, a ligar o fato. Depois estende as rodas do saco e começa a arrastá-lo para a saída, com o neurodisruptor em riste.

Vai ser um caminho longo até casa.

## 1.

...oposição liderada pelo Parlamento Europeu. Em conjunto com outros sessenta países, no que veio a ser conhecido como a Coligação da Recusa, anunciou aos extra-terrestres que não autorizava, nem permanência nem aterragem, nos territórios representados. Além disso, urgiu aos países mais adiantados nas negociações — no Extremo Oriente e Golfo do México — que suspendessem todos e quaisquer contactos até se determinar a influência da presença alienígena na ecologia terrestre. Infelizmente, acabou em tragédia.»

Apita um alarme no painel. Pastor levanta os olhos do livro e depara-se com uma criatura feral ao nível do tecto. Agarra-se à malha metálica que protege a janela alta e tenta cortá-la com um alicate quântico. Pelo rosto contorcido, deve estar no auge de uma *trip* de *quillé*. A intenção irrita-o sobremaneira. Tudo menos estragar o filtro que protege a sala dos parasitas exóticos, umas pestes inteligentes que atacam em enxames coordenados, e são uma chatice para descontaminar. Não perde tempo a activar a coleira do aluno, que salta no ar ante o coice do electrochoque e cai desamparado no chão. Divertidos com o espectáculo, os colegas desatam às gargalhadas e aos murros nas carteiras, abafando a voz melancólica do locutor, que prossegue sem audiência.

«... objecto nos céus da Rússia em queda meteórica. É demasiado grande para se desfazer na atmosfera e os cálculos preliminares dão como baixa a probabilidade de cair no mar. O embate vai acontecer em território europeu.»

A animação gráfica é penosamente antiquada. As imagens foram captadas ainda por tecnologia humana que ficou obsoleta com os Exóticos. Pastor teria pena dos alunos se não fossem estas bestas selvagens capazes de lhe arrancar a pele e vendê-la na praça, caso valesse dinheiro. O à-vontade com que administrou a punição não foi inocente. A criatura — que não merece outra descrição — é o saco de pancada do grupo. Se tivesse electrocutado o chefe deles, não chegaria vivo a casa.

«Às 23h27 do dia 3 de Setembro as luzes apagam-se em Bruxelas para sempre.»

Corte para imagens da cratera, filmada a uma grande distância, da qual se projecta um pilar de fumo e poeira que atinge a estratosfera. Não consegue retomar a leitura, há demasiada gritaria. Além disso, a imagem comove-o, como sempre comoveu desde que assistiu em directo, quando era criança.



«... além das estruturas governamentais da União Europeia, também a nível cultural. Foram-se o Atómium, as Catedrais, o Palácio Real e o Parque Temático *Europa É Uma Só*. O porta-voz yurulan informou a ONU que o objecto era o reactor da nave iyatil, que se desprendeu aquando da aco-plagem ao Anel. Lamentando a tragédia que vitimou mais de cinquenta milhões de pessoas, o porta-voz informou ainda que não era incomum soltar-se o lastro à chegada a um novo porto de abrigo, tornando-se difícil controlar milhar e meio de espécies dispersas em centenas de veículos. Daí que fosse imperativo poderem descer à superfície e recuperar de uma longa travessia no espaço.»

O visor enche-se com a imagem simulada do yurulan, a mesma que invadiu os televisores e demais ecrãs daquele verão distante. Correm rumores de eventual falsidade, pois a verdadeira forma dos yurulans é um segredo antigo, mas o impacto que teve em toda a Humanidade, esse sim, é genuíno. Nenhum filme, nenhum livro, nem sequer as possíveis analogias com os mais bizarros organismos terrestres (não obstante o yurulan poder ser descrito como o cruzamento caótico de uma mosca, um escorpião e um louva-a-Deus) fazem juz ao assombro conceptual de ver uma entidade de outro planeta — uma entidade que estacionou em órbita, que exige acesso aos recursos do planeta e que, percebeu-se mundialmente, acabou de demonstrar o seu poderio.

«Após reunir-se de emergência, a ONU concedeu autorização.»

Que mais podiam fazer? A cedência é um passo tão natural, tão óbvio, perante os novos mestres. E como se veio a descobrir ao longo dos primeiros anos de contacto, foi a atitude certa. Os alienígenas dispunham de armamento sofisticado, muito além da capacidade humana, e poucos entraves éticos em utilizá-lo. Mas foram anos duros para a Humanidade. Causaram uma ferida profunda no amor-próprio, que durará séculos.

O que sempre espantou Pastor. Porque jamais teve dúvida. Desde pequeno, desde a primeira vez que presenciou a imagem do yurulan. O sentimento que o invadiu então definiu-lhe a vida, marcou o rumo e o ritmo dos seus futuros dias. Um sentimento puro e pleno a que não conseguiu resistir. E agora é demasiado velho para mudar, se porventura quisesse.

Nova agitação na sala de aula. Os indicadores comunicam leituras de pal-pitações elevadas, enrubescimento, movimentos bruscos. Pastor sobressalta-se e abre o painel que esconde os botões de pânico. Um movimento do dedo, e a zona vai selar-se de imediato, os colarinhos soltarão descargas capazes de imobilizar elefantes, a guarda local irromperá com máximo prejuízo. Como o professor é normalmente a primeira vítima, quando não é aquele que morre em último de-

pois de tortura prolongada, a plataforma alta onde se senta ficará imediatamente tapada por duas camadas de metal blindado.

Afinal, não é grave. Um dos alunos decidiu armar-se em engraçadinho: aproximou-se do visor, tirou o membro para fora e encontra-se a aspergir a imagem do Exótico com urina, para divertimento dos restantes. Até a criatura feral se ri com gosto.

Pastor ferve de raiva ante a insolência. Apetece-lhe repetir o castigo de há pouco, mas na intensidade máxima. Sabe, no entanto, que é preferível não fazer nada. Ainda pode ser alvo de reprimendas oficiais por parte do assistente social, se este argumentar que o rapaz manifestava apenas uma opinião, no exercício do seu direito democrático. A verdade é que o assistente odeia os Exóticos. Um ódio que a lei proíbe em público — mas que existe e é mais comum do que se afirma. Pastor sabe-o, sente-o. As escolhas que fez demarcam-no, e portanto é alvo do atrito com esta gente, com as suas crenças vincadas. Melhor do que muitos, tem perfeita noção de onde se escondem.

A atitude sensata passa por fechar os olhos. Um hábito que se entranha facilmente. Ao menos, agora a turma presta atenção à aula. Além disso, os indicadores piscam com força. Sinal de que os níveis de agressividade estão a crescer. Encolhe-se um pouco no resguardo do assento, no cimo da plataforma. Estão aborrecidos, os pobrezinhos, e se bem os conhece, iniciam alianças para acabar a aula antes do tempo. Outrora, teria selado as carteiras mas a maioria delas já não funciona bem, graças às vilanias de turmas sucessivas de indigentes que destruíram os mecanismos. Ninguém os ignora desde a vez em que incendiaram a plataforma do Elísio. O coitado safou-se a custo, saltando pela janela do quarto andar. Tal situação, difundida nos jornais, conseguiu um derradeiro feito de abrir os cordões ao orçamento da escola para reformular as condições de trabalho dos professores, instalando barreiras de plaxividro com jactos de água em todas as salas. Mas um dia, acredita Pastor, não vai bastar.

Toca por fim para a saída. Uma tradição do antigamente. O visor ilumina-se com os deveres para casa que não serão cumpridos. Atiram-lhe pedras, que fazem ricochete no plaxividro já rachado de balas. Mero ritual diário de afirmação territorial. Pastor recolhe-se para o canto, fora de vista, enquanto soam ameaças e risos. Na verdade, já o esqueceram, têm outros problemas a aguardá-los, talvez uma escaramuça territorial, talvez um devedor a quem dar umas lições. Enfim: o mundo a sério.

A campanha também assinala o fim do serviço prestado à nação. Após se assegurar de que não resta viva alma no radar da sala de aula, descerra a porta e desce cautelosamente os degraus de ferro. Há sempre a possibilidade de ter ficado

para trás uma armadilha escondida, uma qualquer artimanha para humilhar o professor. Já assistiu a colegas que se picaram em alfinetes com substâncias tóxicas e ficaram horas a babar-se numa cadeira. Pastor sai, assim, da aula, e passa pelo escritório, onde o leitor de palmas o reconhece à terceira vez. A máquina cospe o recibo do ordenado diário, acompanhado do talão que lhe promete emprego no dia seguinte. Embora sendo um pró-forma de anos, há sempre um momento de tensão pela possibilidade de descobrir que ficou desempregado. Podia ser pior: os vínculos modernos obrigam a confirmação horária.

Despacha-se a abandonar o edifício. Às quartas-feiras é sempre o último. Até o segurança já se refugiou no *bunker*. Tapa a calvície crescente com o capuz hermético, enfia o respirador, velho mas ainda funcional, no nariz e mergulha no mundo.

Mundo que continua húmido, imundo e peganhento. E agora ainda mais, com a aproximação das festas de aniversário da chegada dos viajantes. Prepararam-se as ruas, armam-se as lojas, despejam-se os inquilinos habituais para abrir espaço de hospedagem aos turistas, pontapeiam-se os pedintes para as ruas baixas, junto à Parede. Por toda a parte instalam-se figurinos dos Exóticos mais emblemáticos — outra forma de dizer: mais próximos da Humanidade — ainda que não sejam, no conhecimento especializado de Pastor, os mais relevantes na comunidade alienígena. Ortópteros kreepos, raposinhos vulpis, miriápodos prometeus, paquidérmicos lamarks, fasianídeos skanks espalham-se pelas ruas, entre cartazes, bonecos e representantes dos próprios, anunciando a abertura de salas de exposição dedicadas à história e costumes de cada espécie. Pastor, que convive diariamente com este ambiente e sabe o que a casa gasta, nunca acompanharia os guias pelas entranhas labirínticas do enclave — rapidamente o visitante mais distraído se vê rodeado por grupos tribais, com ar de poucos amigos e para quem representa, na melhor das hipóteses, um aperitivo com pernas. Todos os anos se distribuem avisos e renúncias de protecção pessoal, e todos os anos desaparecem várias dúzias de estrangeiros, que a polícia já nem se esforça por investigar. Eis a vida no enclave exótico da Linha.

Apesar da confusão, a época agrada-lhe, não só pelos dias renumerados de folga como pelo desaparecimento dos alunos, chamados a fornecer as necessidades de *quillé*. Semana e meia de paz. Colocar leituras em dia. Passar pelo centro de saúde e recolher os sais para cuidar dos pulmões e outros sítios em que se entranham as bichezas dos trópicos em que se tornou a baía de Cascais. Deixar acumular a quota diária de água para tomar um banho lento e demorado no final das férias. O paraíso — termo que não empregaria para qualificar o funcionamento dos transportes públicos. Passa mais de uma hora à espera na reduzida

plataforma, para no fim ser obrigado a ceder passagem a uma matilha de raposinhos vulpis com dentes afiados e modos ainda mais contundentes. Resigna-se a caminhar até casa pelas ruas principais. Com sorte, nenhum ex-aluno o vai reconhecer. Helicópteros militares cruzam os céus, mas deles não virá qualquer hipótese de ajuda. Mais depressa se afastariam em caso de sarilho. A verdade é que só intervêm se alguém ultrapassar a fronteira.

Quando chega a casa, já se faz noite. Vem a salivar e cheio de sede, pois não se atreve a comer nas barracas da rua e não ganha o suficiente para os restaurantes.

— Alto, quem vem lá? — berra a IA do prédio, projectando o holofote vermelho na sua direcção. — Diga a senha.

— Pára com o espectáculo, que não temos senhas. Não me reconheces?

— Utente Pastor. A sua resmungice é a sua assinatura. Avariou-se a última câmara, estou limitada aos sensores sonoros. O condomínio não pode esperar mais para chamar o técnico.

— Não pode?... — Pastor sorri em desalento, pensando nos vinte andares que vai ter de conquistar a pé. Ao passar pelo elevador, pergunta-lhe pela saúde.

— Saúde? Que saúde acha que tenho, senhor Pastor? Enfiado nesta caixa neste maldito lugar húmido, a enferrujar dia-a-dia, para cima e para baixo, para cima e para baixo, sem ir a mais lado nenhum, sem conhecer...

Pastor apressa-se nas escadas, farto da depressão daquela máquina, farto dos vizinhos que não entendem a necessidade de pagar a um psicólogo de IAs. Raio de gente velha, presa ao século passado...

Senta-se no último lancil de degraus, para recuperar o fôlego. Pela fresta da porta, nota luzes e sombras. Fica tenso, e depois intrigado.

— Olá, não te importes comigo, está tudo bem — é um Júlio diferente que o recebe, à beira dos nervos, olhinhos pequenos a varrer incansavelmente a largura e a distância. Muito diferente do espírito pachorrento e descontraído que conheceu nos dois anos de convívio. Ali há história, certamente.

Fecha a porta atrás de si, lembrando-se da conversa quando ele partiu em trabalho.

— Não ias estar em viagem por mais...

— Sim, sim, voltei, voltei — ouvem-se sirenes, apitos, um disparo ou dois. Pastor sobressalta-se. A televisão parecia desligada, mas afinal foi sintonizada no canal, sem imagem, das câmaras exteriores do prédio. A única forma de perceber o que acontece lá fora, uma vez que aquele apartamento é interior, sem janelas. — Que se passa com isto, não se vê nada!

— Está tudo avariado. Esperas alguém?

— Não! Não, não... sim, vêm-me buscar.

— Vais sair novamente?

— Sim, ah, um encontro. Compradores. Mas não vou demorar. Ouve, tenho uma coisa para pedir...

— Demorar? — queixa-se Pastor. Aquele inquilino só lhe dá problemas.

— Sim, ouve. O meu quarto. Ninguém pode entrar no quarto. Deixei lá coisas importantes. Promete. Está no contrato. Espaço pessoal, sem invasão não autorizada.

— Mas se a fechadura só obedece à tua chave quântica... ouve, o contrato é válido apenas enquanto durarem as rendas. Quando é que pensas pôr as contas em ordem?

— Tens razão, tens razão — Júlio tira a carteira mas detém-se, prontamente. — Vou precisar de dinheiro... espera. — Vasculha no casaco sobre a cadeira. Aparece um objecto rectangular entre as mãos. Fita-o durante segundos, pensativo, quase amargo. É uma ameaça de choro o que Pastor encontra subitamente no rosto dele? — Toma, é para ti. Vende-o, cobre seguramente um ano de rendas. Ah, não vendas ao primeiro, vai querer passar-te a perna. Fala com comprador rival antes de aceites, assim o valor sobe.

Pastor observa o objecto. É uma caixa com aspecto humilde. Os desenhos na tampa são débeis e infantis.

— Se precisar, como é que...

— Exótico. Raro, muito valioso. Vais ver! — Nesse instante o televisor solta uma série de chilreios, como se um bando de canários passasse a voar. — É para mim, tenho de ir. Ouve, nada de bisbilhotar lá dentro.

Com um movimento demasiado lesto para o seu hábito, retira um saco cheio de material sem dúvida questionável, abre a porta e desaparece sem mais palavras.

Pastor fica a olhar para o vazio, a caixa ainda na mão. Desalentado, acaba a pergunta a que ninguém responde.

— ... entro em contacto contigo?